

EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO

LIVRO PRIMEIRO

TUDO É CERTO em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem. Ele obriga uma terra a nutrir as produções de outra, uma árvore a dar frutos de outra; mistura e confunde os climas, as estações; mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo; transtorna tudo, desfigura tudo; ama a desformidade, os monstros; não quer nada como o fez a natureza, nem mesmo o homem; tem de ensiná-lo para si, como um cavalo de picadeiro; tem que moldá-lo a seu jeito como uma árvore de seu jardim.

Sem isso, tudo iria de mal a pior e nossa espécie não deve ser formada pela metade. No estado em que já se encontram as coisas, um homem abandonado a si mesmo, desde o nascimento, entre os demais, seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, tôdas as instituições sociais em que nos achamos submersos abafariam nêle a natureza e nada poriam no lugar dela. Ela seria como um arbusto que o acaso fez nascer no meio do caminho e que os passantes logo farão morrer, nêle batendo de todos os lados e dobrando-o em todos os sentidos.

É a ti que me dirijo, terna e previdente mãe¹, que te soubeste afastar do caminho trilhado e proteger o arbusto nas-

(1) A educação primeira é a que mais importa, e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres: se o Autor da natureza tivesse querido que pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentarem as crianças. Falai portanto às mulheres, de preferência, em vossos tratados de educação; pois além de terem a possibilidade de para isso atentar mais de perto que os homens, e de nisso influir cada vez mais, o êxito as interessa também muito mais, porquanto em sua maioria as viúvas se acham quase à mercê de seus filhos e que

cente contra o choque das opiniões humanas. Cultiva, rega a jovem planta antes que morra: seus frutos dar-te-ão um dia alegrias. Estabelece, desde cedo um cinto de muralhas ao redor da alma de tua criança. Outro pode assinalar o circuito mas só tu podes erguer o muro².

Amanham-se as plantas pela cultura e os homens pela educação. Se o homem nascesse grande e forte, seu porte e sua força seriam inúteis até que êle tivesse aprendido a dêles servir-se. Ser-lhe-iam prejudiciais, impedindo os outros de pensar em assisti-lo³ e, abandonado a si mesmo, êle morreria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades. Deplora-se o estado da infância; não se vê que a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança.

Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação.

então precisam sentir, em bem ou mal, o resultado da maneira pela qual os educaram. As leis, sempre tão preocupadas com os bens e tão pouco com as pessoas, por terem como objetivo a paz e não a virtude, não outorgam suficiente autoridade às mães.

Entretanto suas condições são mais seguras que as dos pais, seus deveres mais penosos, seus cuidados têm mais importância para a boa ordem da família; geralmente elas se apegam mais às crianças. Há ocasiões em que um filho que falta o respeito a seu pai pode até certo ponto ser desculpado; mas se, em qualquer oportunidade que seja, um filho se revelasse bastante inumano para faltá-lo a sua mãe, quem o carregou no seu seio, quem o alimentou com seu leite, quem, durante anos, se esqueceu a si mesma para só se ocupar dêle, dever-se-ia sufocar êsse miserável como um monstro indigno de ver o dia. As mães, dizem, estragam os filhos. Nisso, sem dúvida, estão erradas, mas menos talvez do que vós que os depravais. A mãe quer que seu filho seja feliz, que o seja desde logo. Nisso tem razão: quando se engana quanto aos meios, é preciso esclarecê-la. A ambição, a avareza, a tirania, a falsa providência dos pais, sua negligência, sua dura insensibilidade são cem vezes mais funestas às crianças que a cega ternura das mães. De resto, é preciso explicar o sentido que dou a êste nome de mãe e é o que se fará dentro em pouco.

(2) Asseguram-me que Mr. Fourmey pensou que eu quisesse aqui falar de minha mãe e que êle o disse em certa obra. É zombar cruelmente de Mr. Fourmey e de mim.

(3) Semelhante a êles exteriormente, e privado da palavra como das idéias que exprime, seria incapaz de levá-los a entenderem a necessidade que teriam de seu auxílio, e nada nêles mostraria essa necessidade.

Essa educação nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer dêsse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sôbre os objetos que nos afetam é a educação das coisas.

Cada um de nós é portanto formado por três espécies de mestres. O aluno em quem as diversas lições dêsses mestres se contrariam é mal educado e nunca estará de acôrdo consigo mesmo; aquêle em quem tôdas visam os mesmos pontos e tendem para os mesmos fins, vai sòzinho a seu objetivo e vive em consequência. Sòmente êsse é bem educado.

Ora, dessas três educações diferentes a da natureza não depende de nós; a das coisas só em certos pontos depende. A dos homens é a única de que somos realmente senhores e ainda assim só o somos por suposição, pois quem pode esperar dirigir inteiramente as palavras e as ações de todos os que cercam uma criança?

Sendo portanto a educação uma arte, torna-se quase impossível que alcance êxito total, porquanto a ação necessária a êsse êxito não depende de ninguém. Tudo o que se pode fazer, à fôrça de cuidados, é aproximar-se mais ou menos da meta, mas é preciso sorte para atingi-la.

Que meta será essa? A própria meta da natureza; isso acaba de ser provado. Dado que a ação das três educações é necessária à sua perfeição, é para aquela sôbre a qual nada podemos que cumpre orientar as duas outras. Mas talvez esta palavra natureza tenha um sentido demasiado vago; é preciso tentar defini-lo com exatidão.

A natureza, dizem-nos, é apenas o hábito⁴. Que significa isso? Não há hábitos que só se adquirem pela fôrça e não sufocam nunca a natureza? É o caso, por exemplo, do hábito das plantas cuja direção vertical se perturba. Em se lhe devolvendo a liberdade, a planta conserva a inclinação que a obrigaram a tomar; mas a seiva não muda, com isso, sua

(4) M. Fourmey assegura-nos que não se diz precisamente isto. Isto se me afigura entretanto muito precisamente dito neste verso a que eu me propunha responder: *A natureza, creia-me, é apenas o hábito.* M. Fourmey, que não quer enobrecer seus semelhantes, dá-nos modestamente a medida de seu cérebro como a do entendimento humano.

direção primitiva; e se a planta continuar a vegetar, seu prolongamento voltará a ser vertical. O mesmo acontece com as inclinações dos homens. Enquanto permanecemos no mesmo estado, podemos conservar as que resultam do hábito e que nos são menos naturais. Mas desde que a situação mude, o hábito cessa e o natural se restabelece. A educação não é certamente senão um hábito. Mas não há pessoas que esquecem e perdem sua educação e outras que a conservam? De onde vem essa diferença? Se devemos restringir o nome de natureza aos hábitos conformes à natureza, é de se poupar este galimatias.

Nascemos sensíveis e desde nosso nascimento somos molestados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Mal tomamos por assim dizer consciência de nossas sensações e já nos dispomos a procurar os objetos que as produzem ou a delles fugir, primeiramente segundo a conveniência ou a inconveniência que encontramos entre esses objetos e nós, e, finalmente, segundo os juízos que fazemos delles em relação à idéia de felicidade ou de perfeição que a razão nos fornece. Essas disposições se estendem e se afirmam na medida em que nos tornamos mais sensíveis e mais esclarecidos; mas, constringidas por nossos hábitos, elas se alteram mais ou menos sob a influencia de nossas opiniões. Antes dessa alteração, elas são aquilo a que chamo em nós a natureza.

É pois a essas disposições primitivas que tudo se deveria reportar; e isso seria possível se nossas três educações fôsseem tão-diferentes: mas que fazer quando são opostas? Quando, ao invés de educar um homem para si mesmo, se quer educá-lo para os outros? Então o acerto se faz impossível. Forçado a combater a natureza ou as instituições, cumpre optar entre fazer um homem ou um cidadão, porquanto não se pode fazer um e outro ao mesmo tempo.

Toda sociedade parcial, quando restrita e bem unida, aliena-se da grande. Todo patriota é duro com os estrangeiros: são apenas homens, nada são a seus olhos⁵. Tal inconveniente é inevitável, mas é fraco. O essencial é ser bom à gente com a qual se vive. Com os de fora o espartano era ambicioso, avarento, iníquo; mas o desinteressado, a equidade, a concórdia rei-

(5) Por isso as guerras das repúblicas são mais cruéis que as das monarchias. Mas se a guerra dos reis é moderada, sua paz é terrível: vale mais ser inimigo delles do que súditos.

navam dentro dos muros de sua cidade. Desconfiai desses cosmopolitas que vão buscar em seus livros os deveres que desdenham cumprir em relação aos seus. Tal ou qual filósofo ama os tártaros, para ser dispensado de amar seus vizinhos.

O homem natural é tudo para êle; é a unidade numérica, é o absoluto total, que não tem relação senão consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil não passa de uma unidade fracionária prês a denominador e cujo valor está em relação com o todo, que é o corpo social. As boas instituições sociais são as que mais bem sabem desnaturar o homem, tirá-lhe sua existência absoluta para dar-lhe outra relativa e collocar o *eu* na unidade comum, de modo que cada particular não se acredite mais ser um, que se sinta uma parte da unidade, e não seja mais sensível senão no todo. Um cidadão de Roma não era nem Caio, nem Lúcio; era um romano; amava mesmo a pátria exclusivamente sua. Régulo pretendia ser cartaginês, como se tendo tornado a propriedade de seus senhores. Na qualidade de estrangeiro, recusava-se a ter assento no senado de Roma; foi preciso que um cartaginês lho ordenasse. Indignava-o que lhe quisessem salvar a vida. Venceu, e voltou triunfante para morrer supliciado. Isso não tem muita relação, parece-me, com os homens que conhecemos.

Placedemônio Pedarete apresenta-se para ser admitido ao conselho dos trezentos; é recusado; volta satisfeito por ter encontrado em Esparta trezentos homens mais dignos do que êle. Suponho que essa demonstração era sincera; é de se acreditar que era. Eis o cidadão.

Uma mulher de Esparta tinha cinco filhos no exército e aguardava notícias da batalha. Chega um hilota; ela pede-lhe, trêmula, informações: "Vossos cinco filhos morreram. — Vil escravo, perguntei-te isso? — Alcançamos a vitória!" A mãe corre ao templo e rende graças aos deuses. Eis a cidadã.

Aquêle que, na ordem civil, deseja conservar a primazia da natureza, não sabe o que quer. Sempre em contradicção consigo mesmo, hesitando entre suas inclinações e seus deveres, nunca será nem homem nem cidadão; não será bom nem para si nem para outrem. Será um dos homens de nossos dias, um francês, um inglês, um burguês; não será nada.

Para ser alguma coisa, para ser si mesmo e sempre um, é preciso agir como se fala; é preciso estar sempre decidido acerca do partido a tomar, tomá-lo com firmeza e segui-lo sempre. Estou à espera de que me mostrem esse prodígio, a fim de sa-

ber se é homem ou cidadão, ou como se arranja para ser a um tempo um e outro.

Dêsses dois objetos necessariamente opostos, decorrem duas formas de instituições contrárias: uma pública e comum, outra particular e doméstica.

Quereis ter uma idéia da educação pública, lêde a *Republica* de Platão. Não se trata de uma obra de política, como pensam os que julgam os livros pelos títulos: é o mais belo tratado de educação que jamais se escreveu.

Quando se quer enviar alguém ao país das quimeras, cita-se a instituição de Platão. Ora, se Licurgo houvesse escrito a sua, eu a acharia bem mais quimérica. Platão não fez senão depurar o coração do homem; Licurgo desnaturou-o.

A instituição pública não existe mais, e não pode mais existir, porque não há mais pátria, não pode haver cidadãos. Estas duas palavras *pátria* e *cidadão* devem ser riscadas das línguas modernas. Bem sei qual a razão mas não a quero dizer; nada tem a ver com meu assunto.

Não encato como uma instituição pública êsses estabelecimentos ridículos a que chamam colégios⁶. Não levo em conta tampouco a educação da sociedade, porque essa educação, tendo para dois fins contrários, erra ambos os alvos: ela só serve para fazer homens de duas caras, parecendo sempre tudo subordinar aos outros e não subordinando nada senão a si mesmos. Ora, essas demonstrações sendo comuns não iludem ninguém. São cuidados perdidos.

Dessas contradições nascem as que experimentamos sem cessar em nós mesmos. Arrastados pela natureza e pelos homens por caminhos contrários, obrigados a nos desdobrarmos entre tão diversos impulsos, seguimos um, de compromisso, que não nos leva nem a uma nem a outra meta. Assim, combatidos e hesitantes durante toda a nossa vida, nós a terminamos sem ter podido acordar-nos conosco, e sem termos sido bons para nós nem para os outros.

(6) Há em muitas escolas, e sobretudo na Universidade de Paris, professores que amo, que muito estimo, e que acredito muito capazes de instruir a juventude, se não fossem forçados a obedecer aos usos estabelecidos. Exorto um dêles a publicar o projeto de reforma que concebeu. Ser-se-á enfim tentado a curar o mal, ao ver que não é sem remédio.

Resta enfim a educação doméstica ou a da natureza, mas que será para os outros um homem unicamente educado para si mesmo? Se o duplo objetivo que se propõe pudesse porventura reunir-se num só, eliminando as contradições do homem, eliminar-se-ia um grande obstáculo à sua felicidade. Para julgar, fôra preciso vê-lo inteiramente formado; fôra preciso ter observado suas tendências, visto seus progressos, acompanhado sua evolução; fôra preciso, em poucas palavras, conhecer o homem natural. Creio que alguns passos terão sido dados nessas pesquisas em se lendo êste livro.

Para formar êsse homem raro que devemos fazer? Muito sem dúvida: impedir que nada seja feito. Quando não se trata senão de ir contra o vento, bordeja-se; mas se o mar está agitado e se quer não sair do lugar, cumpre lançar a âncora. Toma cuidado, jovem pilôto, para que o cabo não se perca ou que tua âncora não se arraste, a fim de que o barco não derive antes que o percebas.

Na ordem social, em que todos os lugares estão marcados, cada um deve ser educado para o seu. Se um indivíduo, formado para o seu, dêle sai, para nada mais serve. A educação só é útil na medida em que sua carreira acorde com a vocação. Os pais; em qualquer outro caso ela é nociva ao aluno, nem que seja apenas em virtude dos preconceitos que lhe dá. No Egito, onde o filho era obrigado a abraçar a profissão do pai, a educação tinha, pelo menos, um fim certo. Mas, entre nós, quando sòmente as situações existem e os homens mudam sem cessar de estado, ninguém sabe se, educando o filho para o seu, não trabalha contra êle.

Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é o estado de homem; e quem quer seja bem educado para êsse, não pode desempenhar-se mal dos que com êsse se relacionam. Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica ou à advocacia pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, êle não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre, será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, êle o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o faça mudar de situação, êle estará sempre em seu lugar. *Occupavi te, Fortuna, atque cepi; omnesque aditus tuos interclusi, ut ad me aspirare non posses.*

Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana. Quem entre nós melhor sabe suportar os bens e os males desta vida é, a meu ver, o mais bem educado; daí decorre que a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios. Começamos a instruir-nos em começando a viver; nossa educação começa conosco; nosso primeiro preceptor é nossa ama. Por isso, esta palavra *educação* tinha, entre os antigos, sentido diferente do que lhe damos hoje: significava alimento. *Educit obstrictrix*, diz Varrão; *educat nutrix, instituit pedagogus, docet magister*. Assim, a educação, a instituição, a instrução, são três coisas tão diferentes em seu objeto quanto a governante, o preceptor e o mestre. Mas tais distinções são mal compreendidas; e para ser bem orientada a criança deve seguir um só guia.

É preciso portanto generalizar nossos pontos de vista e considerar em nosso aluno o homem abstrato, o homem exposto a todos os acidentes da vida humana. Se os homens nascessem arraigados ao solo de um país, se a mesma estação durasse o ano todo, se cada qual se prendesse a seu destino de maneira a nunca poder mudar, a prática estabelecida seria boa até certo ponto; a criança educada para sua condição, dela não saindo nunca, não poderia ser exposta aos inconvenientes de outra. Mas, dada a mobilidade das coisas humanas, dado o espírito inquieto e agitado d'este século que tudo transforma a cada geração, poder-se-á conceber um método mais insensato que o de educar uma criança como nunca devendo sair de seu quarto, como devendo sem cessar achar-se cercada dos seus? Se o infeliz dá um só passo na terra, se desce um só degrau, está perdido. Não é isso ensinar-lhe a suportar a dor; é exercitá-lo a senti-la.

Não se pensa senão em conservar a criança; não basta; deve-se-lhe ensinar a conservar-se em sendo homem, a suportar os golpes da sorte, a enfrentar a opulência e a miséria, a viver, se necessário, nos gelos da Islândia ou no rochedo escaldante de Malta. Por maiores precauções que tomeis para que não morra, terá contudo que morrer. E ainda que sua morte não fôsse obra de vossos cuidados, ainda assim êstes seriam mal entendidos. Trata-se menos de impedi-la de morrer que de fazê-la viver. Viver não é respirar, é agir; é fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. O homem que mais vive não é aquêlle que conta maior número de anos e sim o que mais sente a vida. Há quem seja

enterrado a cem anos e que já morrerá ao nascer. Teria ganho em ir para o túmulo na mocidade, se ao menos tivesse vivido até então.

Tôda a nossa sabedoria consiste em preconceitos servis; todos os nossos usos não são senão sujeição, embaraço e constrangimento. O homem civil nasce, vive e morre na escravidão; ao nascer, envolvem-no em um cueiro; ao morrer, encerram-no em um caixão; enquanto conserva sua figura humana está acorrentado a nossas instituições.

Dizem que muitas parteiras pretendem, com massagens na cabeça das crianças recém-nascidas, dar-lhe uma forma mais conveniente, e aceita-se isso! Nossas cabeças estariam erradas, se em obediência ao Autor de nosso ser; cumprê-nos modelá-las de fora pelas parteiras e, por dentro, pelos filósofos. Os caribes são metade mais felizes do que nós.

“Mal a criança sai do seio da mãe, mal goza a liberdade de se mexer e distender seus membros, já lhe dão novas cadeias. Enrolam-na em faixas, deitam-na com a cabeça imóvel e as pernas alongadas, os braços pendentes ao lado do corpo; envolvem-na em tôda espécie de panos e tiras que não lhe permitem mudar de posição. Que se dêem por felizes se não se vêem apertadas a ponto de não poderem respirar, se tiveram a precaução de deitá-la de lado para que o líquido que deve devolver caia por si mesmo, pois não teria a liberdade de virar a cabeça a fim de facilitar o escorrimento.”

O recém-nascido precisa distender e movimentar seus membros, para arrancá-los do entorpecimento em que, juntados numa espécie de pelota, ficaram tanto tempo. Distendê-mos, é verdade, mas impedem-nos de se mexerem; ajecitam até a cabeça dentro de toucas. Dir-se-ia que têm medo de que pareçam viver.

Assim o impulso das partes internas de um corpo que tende a crescer encontra um obstáculo insuperável aos movimentos que êsse impulso exige. A criança faz continuamente esforços inúteis que lhe exgotam as forças ou atrasam seu progresso. Estava menos comprimida no âmnio do que nas suas fraldas; não vejo o que ganhou em nascendo.

A inação, o constrangimento em que mantêm os membros da criança, não podem senão perturbar a circulação do sangue, aos humores, impedir a criança de se fortalecer, de crescer e alterar sua constituição. Nos lugares em que não se tomam tais precauções extravagantes, os homens são mais altos, fortes,

dido; tachariam-no de assassino desejoso de se livrar dela. Maridos prudentes precisam imolar o amor paterno no altar da paz. Felizes os que encontram no campo mulheres mais virtuosas do que as próprias! Mais felizes ainda em acontecendo que o tempo, por estas ganho, a outros não se destine.

O dever das mulheres não é discutível; o que se discute é se, em o menosprezando, importa serem os filhos amamentados por elas ou por outras. Considero essa questão, de que são juizes os médicos, como resolvida em favor das mulheres. Parece-me a mim, de resto, que mais vale a criança mamar o leite de uma ama saudável que o de uma mãe degenerada, se houvesse algum mal a temer do sangue que tem nas veias.

Mas deve-se encarar o problema exclusivamente pelo lado físico? E terá a criança menos necessidade dos cuidados de uma mãe que de seu seio? Outras mulheres, e até bichos, poderão dar-lhe o leite que ela lhe recusa: a solicitude materna não se suprê. E mãe condenável a que alimenta o filho de outra em lugar do seu: como poderia ser uma boa ama? Poderá tornar-se, porém lentamente; será preciso que o hábito mu- de a natureza; e a criança mal tratada terá tempo de morrer cem vezes antes que a ama por ela se tome de uma ternura de mãe.

Dessa vantagem já resulta um inconveniente que deveria tirar de toda mulher sensível a coragem de fazer amamentar o filho por outra: o de partilhar o direito de mãe, ou antes o de aliená-lo. O de ver seu filho amar outra mulher tanto quanto ela, ou mais; o de sentir que a ternura que conserva por sua mãe verdadeira é uma graça e a que dedica a sua mãe adotiva um dever; pois onde encontro os cuidados de uma mãe devo ter o apêgo de um filho?

A maneira de remediar a tal inconveniente é inspirar às crianças desprezo por suas amas, tratando-as como verdadeiras de ver o bebê. Ao fim de alguns anos ele não a vê mais, não a conhece mais. A mãe que imagina substituir-se a ela, e corrigir sua negligência mediante sua crueldade, engana-se. Ao invés de fazer um filho amoroso de um bebê desnaturado, ela o exercita na ingratidão; ensina-lhe a desprezar um dia quem lhe deu a vida, tal qual quem lhe deu o leite.

Como eu insistiria neste ponto se fôsse menos desanimador debater em vão questões úteis! Isso se prende a mais coi-

sas do que se imagina. Quereis fazer com que todos se atenham a seus deveres? Começai pelas mães; ficareis espantados com as mudanças que provocareis. Tudo provém sucessivamente dessa primeira d'pravação: toda a ordem moral se altera; o natural se apaga em todos os corações; o interior das casas faz-se menos vivo; o espetáculo comovente de uma família em formação não mais prende os maridos, não impõe mais deferência aos estranhos; respeita-se menos a mãe cujos filhos não se vêem; não há mais achego nas famílias; o hábito não reforça mais os laços do sangue; não há mais pais, nem mães, nem filhos, nem irmãos, nem irmãs; mal se conhecem todos; como se amariam? Ninguém mais pensa senão em si. Quando a casa não passa de uma triste solidão, cumpre divertir-se alhures.

Mas que as mães concordem em amamentar seus filhos e os costumes reformar-se-ão sòzinhos, os sentimentos da natureza despertarão em todos os corações; o Estado se repovoará. E este ponto, tão-sòmente este ponto, vai tudo unir. A atração da vida doméstica é o melhor contraveneno para os maus costumes. O aborrecimento das crianças, que se imagina importuno, torna-se agradável; torna o pai e mãe mais necessários, mais caros um ao outro; estreita entre elles a ligação conjugal. Quando a família é viva e animada, os cuidados domésticos tornam-se a mais cara ocupação da mulher e o mais doce divertimento do marido. Assim, dêsse único abuso corrigido, resultaria em breve uma reforma geral, logo a natureza reaquiritria seus direitos. Em voltando as mulheres a ser mães, logo os homens voltariam a ser pais e maridos.

Palavras supérfluas! Nem mesmo o tédio dos prazeres da vida social traz de volta àqueles. (As mulheres deixaram de ser mães: não o serão mais; não o querem mais ser.) Ainda que o quisessem, mal o poderiam. Agora que o costume contrário se estabeleceu, cada uma delas teria de combater a oposição de todas as companheiras, ligadas contra um exemplo que algumas não deram e que outras não querem seguir.

Encontram-se ainda por vèzes, entretanto, jovens mulheres de bom natural que, ousando enfrentar, sob esse aspecto, o império da moda, cumprem com virtuosa intrepidez o dever tão suave que a natureza lhes impõe. Possa seu número aumentar com a atração dos bens destinados às que a èle se entregam! Baseado nas consequências que oferece o mais simples raciocínio, e em observações que nunca vi desmentidas, ouso

prometer a essas dignas mães um apêgo sólido e constante de seus maridos, uma ternura realmente filial por parte de seus filhos, a estima e o respeito do público, partos felizes sem acidentes, nem consequências, uma saúde constante e vigorosa, e dentes, enfim, de se verem um dia imitadas por suas filhas e citadas como exemplo às de outrem.

(Em não havendo mãe, não pode haver filho.) Entre ambos os deveres são reciprocos: e se são mal cumpridos de um lado, de outro são negligenciados. O filho deve amar a mãe antes de saber se o deve. Se a voz do sangue não fôr fortalecida pelo hábito e pelos cuidados, ela se extinguirá nos primeiros anos, e o coração morrerá (por assim dizer) antes da natureza nascer. (Eis-nos, desde os primeiros dias, fora da natureza.)

Desta se sai ainda, por caminho oposto, quando ao invés de negligenciar os cuidados de mãe, uma mulher os leva ao exauro; quando ela faz de seu filho um ídolo, quando aumenta e alimenta sua fragueza para impedi-lo de senti-la e que, esperando subtrai-lo às leis da natureza, dêle afasta os insultos peçonhos, sem pensar quanto ao preço de alguns incômodos de que o preserva um instante, ela acumula, ao longe, acidentes e perigos sobre a cabeça dêle, e a que ponto é precaução bárbara prolongar a fragueza da infância sob a fadiga dos homens feitos. Têtis, para tornar seu filho invulnerável, mergulhou-o, diz a fábula, nas águas do Estige. Essa alegoria é bela e clara. As mães cruéis de que falo agem de outra maneira; à força de mergulhar seus filhos na moleza, preparam-nos para o sofrimento; abrem-lhes os poros aos males de toda espécie, de que não deixarão de ser prêsas ao crescerem.

Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica. Ela exercita continuamente as crianças; ela enrigesse seu temperamento mediante experiências de toda espécie; ela ensinava-lhes desde cedo o que é pena e dor. Os dentes que apontam dão-lhes febre; as cólicas agudas dão-lhes convulsões; as tosses prolongadas sufocam-nos; os vermes atormentam-nos; a pleura corrompe-lhes o sangue; fermentações diversas neste se manifestam e provocam erupções perigosas. Quase toda a primeira infância é doença e perigo: metade das crianças que nascem morre antes dos oito anos. Passando pelas provações, a criança adquiriu forças; e desde logo que pode usar a vida, mais seguro se torna o princípio dela.

(Essa a regra da natureza.) Por que a contrarias? Não vêdes que, pensando corrigi-la, destruis sua obra, impedis o efei-

to de seus cuidados? Fazer por fora o que ela faz por dentro é, a vosso ver, aumentar o perigo; e, ao contrário, é provocar uma diversão, é atenuá-lo. (Mostra a experiência que morrem mais crianças criadas delicadamente do que outras. Conquanto não se ultrapasse a medida de suas forças, arrisca-se menos empregando-as do que as poupando. Exercitai-as portanto nas afrontas que um dia terão de suportar. Enrigessei-lhes o corpo às intempéries das estações, dos climas, dos elementos, à fome, à sede, ao cansaço; mergulhai-as nas águas do Estige. Antes que se adquira o hábito do corpo, dá-se-lhe o que se quer sem perigo. Mas uma vez em sua consistência, qualquer alteração se torna perigosa. Uma criança suportará mudanças que um homem não suporta; as fibras dela, moles, flexíveis, tomam sem esforço as dobras que se lhes impõem; as do homem, mais endurecidas, só com violência mudam as que receberam. Podesse portanto tornar uma criança robusta sem expor sua vida e sua saúde; e ainda que houvesse algum risco, não se deveria hesitar. Se são riscos inseparáveis da vida humana, podê-se agir melhor do que transpô-los para o tempo de sua duração em que são menos prejudiciais?)

Uma criança se torna mais preciosa na medida em que se faz mais idosa. Ao preço de sua pessoa junta-se o dos cuidados que custou; à perda da vida junta-se nela o sentimento da morte. É portanto no futuro que é preciso pensar zelando pela sua conservação; é contra os males da juventude que é preciso defendê-la, antes que a êles chegue. Se o preço da vida aumenta até a idade de a tornar útil, não será loucura poupar alguns males na infância multiplicando-os na idade da razão? Serão essas as lições do mestre?

O destino do homem é sofrer em qualquer época. O próprio cuidado de sua conservação está ligado à dor. Felizes os que só conhecem na infância os males físicos, males bem menos cruéis, bem menos dolorosos do que os outros e que bem mais raramente do que êles nos fazem renunciar à vida! Ninguém se mata com as dores da gôta; sômente as da alma suscitam o desespero. (Temos dó da sorte da infância mas é da nossa que deveríamos ter. Nossos maiores males vêm de nós mesmos.)

Ao nascer, uma criança grita; sua primeira infância passa a chorar. Sacodem-na às vezes ou a acariciam para acalmá-la; ameaçam-na também e batem-na para que se cale. Ou fazemos o que lhe agrada, ou dela exigimos o que nos agrada. Ou nos

submetemos a suas fantasias ou a submetemos às nossas: não há meio termo, é preciso que nos dê ordens ou que as receba. Assim, suas primeiras idéias são de império ou de servidão. Antes de saber falar éle manda, antes de poder agir éla obedece; e não raro castigam-na antes que ela possa conhecer seus erros. Ou os cometer. E assim é que se inculcam em seu jovem coração as paixões imputadas a seguir à natureza e que depois de ter se esforçado por torná-la má, a gente se queixa de descobri-la má.

Uma criança passa assim seis ou sete anos dessa maneira nas mãos das mulheres, vítimas dos caprichos delas e do seu próprio. E depois de lhe ensinar isto ou aquilo, isto é, depois de ter sobrecarregado sua memória com palavras que não pode entender ou com coisas que em nada lhe auxiliam, depois de ter abafado o natural com paixões que se incitam, entregasse esse ser factício nas mãos de um preceptor, o qual acaba de desenvolver os germens artificiais que já encontra formados e lhe ensina tudo menos a se conhecer, menos a tirar proveito de si mesmo, menos a saber viver bem e se tornar feliz. Finalmente quando essa criança, escrava e tirana, cheia de conhecimentos e desprovida de sentidos, igualmente débil de corpo e de alma, é jogada no mundo mostrando sua inépcia, seu orgulho e todos os seus vícios, ela faz com que se deplorem a miséria e a perversidade humanas. Enganamo-nos: esse é o homem de nossa fantasia, o da natureza é diferente.

Quereis que conserve sua forma original? Conservai a partir do instante em que vem ao mundo. Logo ao nascer apropriai-vos d'ele, não o largueis antes que seja homem: nada conseguireis sem isso. Assim como a verdadeira ama é a mãe, o verdadeiro preceptor é o pai. Que se acordem na ordem de suas funções bem como em seu sistema; que das mãos de uma passe às mãos de outro. Será mais bem educado por um pai judicioso e limitado do que pelo mais hábil preceptor do mundo, porquanto o zelo substituirá mais o talento do que o talento o zelo.

Mas os negócios, as funções, os deveres ... Ah! os deveres, sem dúvida o último é o do pai! Que não nos espante

(8) Quando se lê em Plutarco que Catão, o Censor, que governou Roma com tanta glória, educou éle próprio o filho desde o berço e com tal cuidado que tudo abandonava para estar presente quando a ama, isto é, a mãe, o virava e lavava; quando se lê em Suetônio que

o fato de um homem, cuja mulher desdenhou alimentar o fruto de sua união, desdenhe educá-lo. Não há quadro mais encantador que o da família: mas um só traço errado desfigura todos os demais. Se a mãe não tem bastante saúde para ser ama, o pai tem negócios demais para ser preceptor. Os filhos, afastados e espalhados por pensões ou conventos, ou colégios, levarão para alhures o amor à casa paterna ou, melhor, a esta levarão o hábito de não se apegarem a nada. Os irmãos e irmãs mal se conhecerão. Quando todos se reunirem em alguma cerimônia, serão cortes entre si mas se tratarão em alguma cerimônia, que não haja mais intimidade entre parentes, desde que a companhia da família não contribua mais para a doçura da vida, será necessário recorrer aos maus costumes para supri-la. Quem será bastante estúpido para não ver o encadeamento disso tudo?

Um pai, quando engendra e alimenta seus filhos, não faz nisso senão o terço de sua tarefa. Deve homens a sua espécie, deve à sociedade homens sociáveis; deve cidadãos ao Estado. Todo homem que pode pagar essa dívida triplíce e não o faz é culpado, e mais culpado ainda, talvez, quando a paga em parte. Quem não pode pagar os deveres de pai, não tem o direito de ser pai. Não há nem pobreza, nem tarefas, nem respeito humano que o dispensem de nutrir seus filhos e de educá-los éle próprio. Leitores, podeis acreditar em mim: prediz que quem quer que seja tenha entranhas e negligencie tão santos deveres derramará por sua causa lágrimas amargas e nunca se consolará.

Mas se faz esse homem rico, esse pai de família tão ocupado, e forçado, a seu ver, de abandonar os filhos? Paga outro homem para prodigalizar os cuidados que lhe cabem. Alma venal! Imaginas dar a teu filho outro pai com dinheiro? Não te enganes; não é sequer um mestre que lhe dá, é um criado. Ele formará dentro em breve outro.

Discute-se muito acêrca das qualidades de um bom governante. A primeira que eu exigiria, e essa supõe muitas outras, seria não ser um homem à venda. Há officios tão nobres que

Augusto, senhor do mundo, por éle conquistado e por éle dirigido, ensinava éle próprio, a seus netos a escrita, a natação, os elementos das ciências, e que os tinha sempre a seu lado, não se pode deixar de rir das gentinhas daquela época que se divertiam com semelhantes bobagens: demasiadas mediocres sem dúvida para saberem atender às grandes questões dos grandes homens de hoje.

ninguém os pode desempenhar por dinheiro sem se mostrar indigno; o guerreiro, por exemplo; o institutor. Quem então educará meu filho? Já o disse: tu mesmo. Não o posso. Não o podes? Transforma-te então em amigo. Não vejo outra solução.

Um governante! ó que alma sublime! Em verdade para fazer um homem é preciso ser pai ou mais do que um homem e eis a função que confiais tranquilamente a mercenários.

Quanto mais se pensa nisso mais se depara com novas dificuldades. Fôra preciso que o governante tivesse sido educado para seu aluno, que seus criados tivessem sido educados para seu senhor, que todos os que dêle se aproximam tivessem recebido as impressões que lhe devem comunicar; fôra preciso, de educação em educação, remontar a não sei onde. Como pode ocorrer que uma criança seja bem educada por quem não o foi elle próprio?

Encontrar-se-á esse mortal? Ignoro-o. Nestes tempos de aviltamento quem sabe a que ponto de virtude pode atingir uma alma humana?

Mas suponhamos esse prodígio encontrado. É considerando o que deve fazer que veremos o que deve ser. O que eu imagino ver de antemão é que um pai que sentisse todo o valor de um bom governante tomaria a resolução de passar sem elle; pois teria mais dificuldade em adquiri-lo que em o tornar-se elle próprio. Quer então ter um amigo? que eduque seu filho para sê-lo; ei-lo dispensado de procurá-lo alhures e já a natureza fêz metade de sua tarefa.

Alguém de quem conheço apenas a posição social propôs-me educar o filho. Honrou-me muito sem dúvida; mas longe de se queixar de minha recusa, deve agradecer-se de minha discricção. Se eu tivesse aceito seu oferecimento, e tivesse errado no meu método, teria sido uma educação falhada; se tivesse tido êxito fôra muito pior, seu filho teria renegado seu título, não houvera mais querido ser príncipe.

Estou por demais compenetrado da grandeza dos deveres de um preceptor para aceitar semelhante emprêgo, quem quer que mo ofereça; e o próprio interêsse da amizade seria para mim mais um motivo de recusa. Acredito que depois de ter lido êste livro pouca gente seria tentada a me fazer tal oferecimento; e peço a quem o pudesse ser a não se dar ao trabalho inútil de fazê-lo. Fiz outrora uma experiência sufficiente para convencer-me de que não tenho disposição para tanto e de

que minha condição me dispensaria da obrigação, ainda que meus conhecimentos me tornassem capaz dela. Acreditei de-ver esta declaração pública àqueles que parecem não de outorgar bastante estima para me acreditarem sincero e assentado na minha resolução.

Na impossibilidade de cumprir a tarefa mais útil, ousarei, ao menos, tentar a mais fácil: a exemplo de tantos outros, não porei a mão na massa e sim na pena; e ao invés de fazer o que é preciso, esforçar-me-ei por dizê-lo.

Sei que, em emprêzas semelhantes a esta, o autor, sempre à vontade em sistema que é dispensado de pôr em prática, dá sem pena muitos belos preceitos impossíveis de serem seguidos e que, na falta de pormenores e de exemplos, o que diz de praticável permanece sem aplicação quando elle não a mostra.

Tomei portanto o partido de me dar um aluno imaginário, de supor a idade, a saúde, os conhecimentos e todos os talentos convenientes para trabalhar na sua educação, conduzi-la desde o momento de seu nascimento até aquêle em que, homem feito, não terá mais necessidade de outro guia senão elle próprio. Esse método parece-me útil para impedir um autor que desconfia de si de se perder em visões. (Sim, porque a partir do momento em que se afasta da prática ordinária, não lhe cabe senão experimentar a sua no seu aluno.) Sentirá desde logo, ou o leitor o sentirá por elle, se acompanha o progresso da infância e a marcha natural do coração humano.

Eis o que tentei fazer em tôdas as dificuldades que se apresentaram. Para não ampliar excessivamente o livro, contentei-me com pôr os princípios cuja verdade todos deviam sentir. Mas quanto às regras que poderiam ter necessidade de provas, appliquei-as tôdas a meu Emílio ou a outros exemplos e mostrei em pormenores assaz precisos como o que eu estabelecia podia ser praticado. (Esse é, ao menos, o plano que me propus executar. Cabe ao leitor julgar se o consegui.)

Disso decorreu que, de início, pouco falei de Emílio, por que minhas primeiras máximas de educação, embora contrárias às estabelecidas, são de uma evidência a que é difícil a qualquer homem de bom senso recusar seu consentimento. Mas, na medida em que avança, meu aluno, dirigido diferentemente dos vossos, não é mais uma criança ordinária. Precisa de um regime próprio. Então elle aparece mais freqüentemente no palco e, nos últimos tempos, não o perco mais de vista até

que, diga o que disser, não tenha mais a menor necessidade de mim.

Não falo aqui das qualidades de um bom governante; suponho-as e me suponho a mim mesmo dotado de tôdas essas qualidades. Lendo esta obra, verão que liberalidade outorgo a mim mesmo.

Observarei tão-sòmente, contra a opinião comum, que o governante de uma criança deve ser jovem e até tão jovem quanto o pode ser um homem sensato. Gostaria que êle pudesse ser êle próprio criança, se possível, que pudesse tornar-se o companheiro de seu aluno e angariar sua confiança partilhando seus divertimentos. Não há suficientes coisas comuns entre a infância e a idade madura para que se consiga uma afeição muito sólida com tal distância. As crianças por vêzes adulam os velhos mas não os amam nunca.

Desejar-se-ia que o governante já tivesse praticado uma educação. É demais; um mesmo homem só pode fazer uma. Se fôsse necessárias duas para ter êxito, com que direito se emprenderia a primeira?

Com um pouco mais de experiência seria possível fazer melhor, mas não se poderia mais fazê-lo. Quem quer que seja tenha tentado isso uma vez, bastante bem para sentir-lhe tôdas as penas, não procura recomeçar. E em se tendo tido mal resultado da primeira vez, já se tem um mau preconceito para a segunda.

É muito diferente, concordo, acompanhar um jovem durante quatro anos do que orientá-lo durante vinte e cinco. Dais um governante a vosso filho já formado; eu quero que tenha um antes de nascer. Vosso homem a cada lustro pode mudar de aluno; o meu só terá um. Vós distinguis o preceptor do governante: outra loucura! Distinguis o discípulo do aluno? Há sòmente uma ciência a ensinar às crianças: é a dos deveres do homem. Essa ciência é uma e o que quer que tenha dito Xenofonte da educação dos Persas, ela não se partilha. De resto eu chamo governante, de preferência a preceptor, o mestre dessa ciência porque se trata menos para êle de instruir que de conduzir. Êle não deve dar preceitos, deve fazer com que os encontrem.

Se é preciso escolher com tanto cuidado o governante, é-lhe também permitido escolher seu aluno, principalmente quando se trata de um modelo a ser proposto. Essa escolha não pode cair nem no gênio nem no caráter da criança, que só se conhece

no fim da tarefa, e que eu adoto antes de nascer. Se pudesse escolher, só tomaria um espírito comum, tal qual suponho meu aluno. Só se tem necessidade de educar os homens comuns; sòmente sua educação deve servir de exemplo à de seus semelhantes. Os demais se educam de qualquer maneira.

A terra não é indiferente à cultura dos homens; êles sò são o que podem ser nos climas temperados. Nos climas extremados a desvantagem é visível. Um homem não é plantado como uma árvore em certa terra para nela sempre ficar; e quem parte de um dos extremos para chegar a outro é obrigado a fazer duas vèzes o caminho, a fim de chegar à mesma meta que quem parte de meio caminho.

Ainda que o habitante de um país temperado vá sucessivamente aos dois extremos, sua vantagem é evidente, pois, embora tanto se ressinta quanto quem vai de um extremo a outro, se afasta de metade apenas de sua constituição natural. Um francês vive na Guiné ou na Lapônia; mas um negro não viverá igualmente na Suécia nem um habitante de Samoa no Benim. Parece ainda que a organização do cérebro é menos perfeita nos dois extremos. Nem os negros nem os lapões têm o equilíbrio dos europeus. Se quero, portanto, que meu aluno seja habitante da terra tenho que escolhê-lo numa zona temperada; na França, por exemplo, de preferência.

No Norte, os homens consomem muito num solo ingrato; no Sul, consomem pouco num solo fértil. Daí nasce essa diferença que torna uns laboriosos e outros contemplativos. A sociedade oferece-nos em um mesmo lugar a imagem dessas diferenças entre os pobres e os ricos: os primeiros habitam um solo ingrato, os outros uma terra fértil.

— O pobre não precisa de educação; é obrigatória a de sua condição, não poderia ter outra. Ao contrário, a educação que o rico recebe de sua condição é a que menos lhe convém tanto para si mesmo quanto para a sociedade. Ademais, a educação natural deve tornar um homem adaptável a tôdas as condições humanas: ora, é menos razoável educar um pobre para ser rico do que um rico para ser pobre, pois em proporção do número das duas condições, há mais arruinados do que enriquecidos. Escolhamos portanto um rico; teremos certeza, ao menos de ter feito um homem a mais, ao passo que (um pobre pode tornar-se homem sòzinho.)

Pela mesma razão não me desagradaria que Emílio tivesse berço. Será sempre uma vítima arrancada do preconceito.

Pouco importa que tenha pai e mãe. As-
sumindo seus deveres, adquiro seus direitos. Ele deve hon-
rar seus pais mas só deve obedecer a mim. É minha condição
primeira, ou melhor, minha única condição.

(Devo acrescentar outra, consequência dessa, a de que não
nos separarão jamais um do outro sem nosso consentimento.)
Esta cláusula é essencial e eu desejaria mesmo que aluno e go-
vernante se encarassem a tal ponto como inseparáveis que o
destino de seus dias sempre fôsse por elles olhado como um ob-
jecto comum. A partir do momento em que encare uma separação
no afastamento, a partir do momento em que prevejam a hora em
que deverão tornar-se estranhos um ao outro, já o serão; cada
qual construirá seu pequeno sistema particular e ambos, preo-
cupados com o dia em que não estarão mais juntos, só o fica-
rão a contragosto. O discípulo só olha o mestre como a mar-
ca e o flagelo de sua infância; o mestre só olha o discípulo
como um fardo pesado de que aspira a desembaraçar-se o mais
depressa possível; sonham ambos com se libertarem um do ou-
tro; e como não há nunca entre elles verdadeira afeição, um
deve ter pouca vigilância e outro pouca docilidade.

Mas quando elles se vêem como devendo passar a vida jun-
tos, importa-lhes fazerem-se amar mutuamente e por isso mes-
mo se tornam caros um a outro. O aluno não se envergonha
de acompanhar na infância o amigo que deverá ter em cres-
cendo; o governante toma interesse pelos cuidados cujo fruto
deverá colher, e todo o tempo que dá a seu aluno é um capital
que aplica em proveito de sua velhice.

Esse contrato estabelecido de antemão supõe um parto fe-
liz, uma criança bem formada, vigorosa, sadia. Um pai não
tem escolha e não deve ter preferência na família que Deus lhe
dá: todos os filhos são igualmente seus filhos; deve a todos
os mesmos cuidados e a mesma ternura. Estropiados ou não,
anêmicos ou robustos, cada um d'elles é um depósito de que deve
prestar contas àquele de quem o recebe, e o casamento é um
contrato feito com a natureza tanto quanto entre os cônjuges.

Mas quem quer se imponha um dever que a natureza não
lhe impôs, deve assegurar-se antes dos meios de cumprilo; de
outro modo torna-se culpado até do que não puder fazer. Quem
se encarrega de um aluno enférmo e valetudinário troca sua fun-
ção de governante pela de enfermeiro; perde com tratar de uma
vida inútil o tempo que destinava a valorizá-la; expõe-se a
ver uma mãe desesperada censurar-lhe um dia a morte de um
filho que elle lhe terá conservado por muito tempo.

Eu não me encarregaria de uma criança doentia e caqué-
tica, ainda que devesse viver oitenta anos. Não quero saber
de um aluno sempre inútil a si mesmo e aos outros, que só se
ocupe com se conservar e cujo corpo prejudique a educação da
alma. Que faria prodigalizando-lhe em vão meus cuidados se
não dobrar o prejuízo da sociedade, arrancando-lhe dois ho-
mens ao invés de um só? Que outro em meu lugar se encar-
regue desse enférmo, concordo e aprovo sua caridade; mas meu
ofício não é esse: não sei ensinar a viver a quem não pensa
senão em não morrer.

É preciso que o corpo tenha vigor para obedecer à alma:
um bom servidor deve ser robusto. Sei que a intemperança
excita as paixões; extenua também o corpo com o tempo; as
macerações, os jejuns, produzem amiúde os mesmos efeitos por
uma causa oposta. Quanto mais fraco o corpo, mais elle co-
manda; quanto mais forte mais obedece. Tôdas as paixões sen-
suais se abrigam em corpos efeminados; e êstes tanto mais se
irritam quanto menos as podem satisfazer.

O corpo débil enfraquece a alma. Daí o império da me-
dicina, arte mais perniciosa aos homens do que todos os males
que pretende curar. Não sei, quanto a mim, de que doenças
nos curam os médicos, mas sei que nos dão algumas assaz fu-
nestas: a covardia, a pusilanimidade, a credulidade, o pavor da
morte; se curam o corpo, matam a coragem. Que nos importa
fazem elles com que andem cadáveres? é de homens que preci-
samos e êstes não os vemos saírem das mãos d'elles.

A medicina está na moda entre nós; ela deve estar. É
o divertimento das pessoas ociosas, desocupadas, que não saben-
do que fazer de seu tempo o desperdiçam conservando-se. Se
tivessem tido a desgraça de nascerem imortais, seriam os mais
miseráveis dos seres: uma vida que nunca teriam medo de per-
der não lhes seria de nenhum valor. Essa gente precisa de mé-
dicos que a ameacem para lisonjeá-la e lhe dêem todos os dias
o único prazer que podem ter, o de não estarem mortos.

Não tenho o menor intuito de me estender aqui acêrca da
vaidade da medicina. Meu objetivo é apenas encará-la pelo
lado moral. Não posso impedir-me, entretanto, de observar
que os homens empregam a seu respeito os mesmos sofismas
que acêrca da procura da verdade. Supõem sempre que tra-
tando de um doente o curam e que procurando uma verdade
a encontram. Não vêem que cumpre equilibrar uma cura ope-
rada pelo médico com a morte de cem doentes que elle mata,

meu Emílio, a menos que sua vida se ache em perigo evidente; porque então não poderá fazer pior do que matá-lo.

Bem sei que o médico não deixará de tirar proveito da demora. Se a criança morrer, tê-lo-ão chamado tarde demais; se escapar, êle a terá salvo. Seja: que o médico triunfe; mas principalmente que só seja chamado em último caso.

Na impossibilidade de saber curar-se, que a criança saiba ficar doente: esta arte supre a outra e muitas vêzes dá melhor resultado; é a arte da natureza. Quando o animal está doente, sofre em silêncio e não se mexe: ora, não se vê maior número de animais abatidos que de homens. A que ponto a impaciência, o temor, a inquietude, e principalmente os remédios puderam matar indivíduos que a doença teria poupado e que o tempo houvera curado! Dirão que os animais, vivendo de maneira mais de acôrdo com a natureza, devem estar sujeitos a menor número de males do que nós. Pois bem, essa maneira de viver é precisamente a que eu quero dar a meu aluno; deve êle portanto tirar dela igual proveito.)

A única parte útil da medicina é a hygiene; e a hygiene é menos uma ciência que uma virtude. A temperança e o trabalho são os dois verdadeiros médicos do homem: o trabalho acaua-lhe o apêtitê, a temperança impede-o de abusar dêle.

Para saber que regime é mais útil à vida e à saúde, basta saber qual o regime seguido pelos povos que vivem melhor, que são mais robustos e duram mais tempo. Se, ante as observações de ordem geral, não se acha que a medicina dá aos homens uma saúde mais sólida ou uma vida mais longa, já há que considerar que, não sendo útil, essa arte é nociva porquanto emprega o tempo, os homens e as coisas em pura perda. Não sòmente o tempo que se consome em preservar a vida é perdido, como, para dela fazer uso, cumpre deduzi-lo; e quando êsse tempo é empregado em nos atormentar, torna-se mais do que nulo, torna-se negativo; e para calculá-lo equitativamente cabe subtraí-lo, em quantidade idêntica, daquele que nos resta. Um homem que vive dez anos sem médico vive mais para si e para outrem do que o que vive trinta anos como vítima dêle. Tendo feito uma e outra experiências, acredito-me com mais motivos do que ninguém para chegar a tais conclusões.

Eis minhas razões para só desejar um aluno robusto e sadio e meus princípios para mantê-lo assim. Não me deterei em provar demoradamente a utilidade dos trabalhos manuais e dos exercícios do corpo para fortalecer o temperamento e a

e a utilidade de uma verdade descoberta com malefício dos erros perpetrados ao mesmo tempo. (A ciência que instrui e a medicina que cura são muito boas sem duvida; mas a ciência que engana e a medicina que mata são más.) Ensinai-nos portanto a distinguir-las. Eis o X do problema. Se soubéssemos ignorar a verdade nunca seríamos iludidos pela mentira. (Se soubéssemos não querer morrer contra a natureza, nunca morreríamos pela mão do médico.) Essas duas abstinências seriam sábias; ganharíamos evidentemente com nos sujeitarmos a elas. (Não discuto se a medicina pode ser útil a alguns homens, digo que é funesta ao gênero humano.)

Dir-me-ão, como o fazem sem cessar, que os erros são do médico mas que a medicina em si é infalível. Ainda bem, mas que venha então sem médico, pois enquanto vierem juntos, será com vêzes mais de se temerem os erros do artista que se esperar o socorro da arte.

Essa arte mentirosa, mais feita para os males do espírito que para os do corpo, não é mais útil a uns do que a outros: cura-nos menos de nossas doenças do que nos outorga o pavor delas; recua menos a morte do que nos faz senti-la de antemão; desgasta a vida ao invés de prolongá-la; e ainda que a prolongasse seria em prejuízo da espécie, porquanto nos afasta da sociedade pelos cuidados que nos impõe e dos nossos deveres pelos temores que nos dá. É o conhecimento dos perigos que nos faz temê-los: quem se acreditasse invulnerável não teria medo de nada. A força de armar Aquiles contra o perigo, o poeta tira-lhe o mérito da coragem; qualquer outro no lugar dêle teria sido também um Aquiles.

Quereis encontrar homens de verdadeira coragem? Procura-os nos lugares onde não há médicos, onde se ignoram as consequências das doenças, onde não se pensa na morte. O homem sabe naturalmente sofrer com firmeza e morre em paz. São os médicos com suas receitas, os filósofos com seus preceitos, os padres com suas exortações, que lhes aviltam a coragem e os levam a desaprenderem de morrer.

Que me dêem um aluno que não precise dessa gente ou o recusarei. Não quero que outros estraguem minha obra; quero educá-lo sòzinho ou não me meter nisso. O sábio Locke, que passou parte de sua vida estudando a medicina, recomenda fortemente que não se droguem as crianças, nem por precaução nem por causa de ligeiros incômodos. Irei mais longe e declaro que, nunca chamando médico para mim, nunca chamarei para

saúde; é o que ninguém discute; os exemplos das mais longas vidas são quase todos tirados de homens que fizeram mais exercícios, que suportaram maiores fadigas e mais trabalharam. Não entrarei tampouco em muitos pormenores acêrca dos cuidados que terei com esse fim; verão que se incluem tão necessariamente na minha prática, que basta entender o espírito da coisa para não haver necessidade de explicação.

Com a vida começam as necessidades. O recém-nascido precisa de uma ama. Se a mãe consentir em cumprir seu dever, muito que bem; caberá dar-lhe sua orientação por escrito, pois essa vantagem tem seu contrapêso e mantém o governante algo afastado de seu aluno. Mas é de se crer que o interesse da criança e a estima por aquêle a quem ela consente em confiar tão caro depósito tornarão a mãe atenta às idéias do mestre; e tudo o que quiser fazer, ella o fará melhor do que ninguém. Se nos fôr necessário uma ama estranha, comecemos por bem escolhê-la.

Uma das misérias da gente rica é ser enganada em tudo. Se julga mal os homens devemos espantar-nos? São as riquezas que a corrompem; e naturalmente essa gente é a primeira a sentir o defeito do único instrumento que lhe seja conhecido. Tudo é mal feito em casa dessa gente, à exceção do que ella própria faz, e não faz quase nada. Trata-se de escolher uma ama, ella entrega ao parteiro o cuidado disso. Que acontece então? A melhor é a que mais bem o paga. Não irei portanto consultar um parteiro para a ama de Emílio; cuidarei de escolhê-la eu próprio. Não raciocinarei a respeito tão eruditamente

(9) E eis um exemplo haurido em documentos inglézes e que não posso deixar de mencionar, a tal ponto oferece margem a reflexões relativas a meu assunto.

"Um indivíduo chamado Patrice Oneil, nascido em 1647, acaba de se casar em 1700 pela sétima vez. Serviu no regimento dos dragões no décimo sétimo ano do reinado de Carlos II e em diferentes outros corpos do exército até 1740, quando obteve dispensa. Fêz tódas as campanhas do Rei Guilherme e do Duque de Malborough. Esse homem nunca bebeu senão cerveja comum; sempre se alimentou de vegetais e só comeu carne em alguns jantares que dava à família. Seu hábito foi sempre o de se levantar e se deitar com o sol, a menos de o impedirem seus deveres. Está agora com cento e treze anos, ouvindo bem, passando bem e andando sem bastão. Apesar de sua idade avançada, não fica um só momento sem trabalhar; e todos os domingos vai à sua paróquia acompanhado por seus filhos, netos e bisnetos."

quanto um cirurgião, mas serci sem dúvida de mais boa fé e meu zelo me enganará menos do que sua cupidéz.

Essa escolha não comporta grande mistério; as regras são conhecidas; mas não sei se não deveriam cuidar mais da idade do leite tanto quanto de sua qualidade. O leite nôvo é muito seroso, deve quase ser aperitivo para purgar o resto do alimento acumulado nos intestinos da criança que acaba de nascer. Pouco a pouco o leite toma consistência e fornece um alimento mais sólido à criança já tornada mais forte para digeri-lo. Não é certamente por nada que nas fêmeas de tódas espécies a natureza muda a consistência do leite segundo a idade do filhote.

Seria necessário portanto uma ama recém-parturiente para uma criança recém-nascida. Isso tem sua dificuldade, bem o sei; mas desde que se sai da ordem natural tudo tem dificuldade em ser bem feito. O único expediente cômodo é fazer mal; é também o que se escolhe.

Fôra necessário uma ama tão sadia de coração quanto de corpo; a intempérie das paixões pode, como a dos humores, atentar-lhe o leite; demais, atentar unicamente para o físico é ver apenas a metade do objetivo. O leite pode ser bom e a ama má; um bom caráter é tão essencial quanto um bom temperamento. Em se tomando uma mulher viciada, não digo que o bebê adquirirá seus vícios, mas digo que com isso sofrerá. Não lhe deve ella, com o seu leite, cuidados que exigem zelo, paciência, doçura, limpeza? Gulosa, intemperante, logo terá seu leite estragado; negligente ou arrebatada, que irá acontecer com o pobre infeliz à sua mercê, que não pode defender-se nem se queixar? Nunca, no que quer que seja, os maus podem ser bons em algo bom.

A escolha de uma ama tem tanto maior importância quanto seu bebê não deve ter outra governante senão ella, assim como não deve ter outro preceptor senão seu governante. Assim o pensavam os antigos, menos argumentadores porém mais sábios do que nós. Depois de ter amamentado os filhos dêles, as amas não mais os abandonavam. Eis porque em suas peças de teatro, as confidentes são as amas em sua maioria.) É impossível que uma criança, que passa sucessivamente por tantas mãos diferentes venha a ser bem educada. A cada mudança ella faz comparações secretas que tendem sempre a diminuir sua estima pelos que a governam e, consequentemente, a autoridade dêles. Se porventura chega a pensar um dia que há adultos com não mais juízo do que as crianças, eis a autoridade da idade per-

dida e malograda a educação. Uma criança não deve conhecer outros superiores que não o pai e a mãe, ou, na falta destes, a ama e o governante; já é demais um dos dois, mas a partilha é inevitável. E tudo o que se pode fazer para remediar a tal inconveniente é que as pessoas dos dois sexos que a dirigem estejam de acôrdo a seu respeito, que os dois sejam um só para ela.

É preciso que a ama viva um pouco mais cômodamente, que tenha alimentos mais substanciais, mas não que mude inteiramente de maneira de viver; pois uma mudança total, ainda que para melhor, é sempre perigosa para a saúde. E se seu regime habitual a tornou sadia e bem constituída, para que fazer com que o troque?

As camponesas comem menos carne e mais legumes do que as mulheres da cidade; e esse regime vegetal parece mais favorável do que contrário a elas e a seus filhos. Quando têm bebês burgueses, dão-lhe sopas persuadidos de que sopas e caldos favorecem a digestão e lhes melhoram o leite. Não acredito nisso de modo algum; tenho a meu favor a experiência que nos ensina que as crianças assim amamentadas são mais sujeitas do que as outras às cólicas e aos vermes.

Não é de espantar, porquanto a substância animal em putrefação formiga de vermes, o que não acontece com a substância vegetal. O leite, embora elaborado no corpo do animal, é uma substância vegetal¹⁰; demonstra-o a análise: faz-se ácidamente e, longe de provocar qualquer vestígio de álcali volátil, como ocorre com as substâncias animais, dá, como as plantas, um sal neutro essencial.

O leite das fêmeas herbívoras é mais doce e salutar que o das carnívoras. Formado de uma substância homogênea, conserva melhor sua natureza e torna-se menos sujeito à putrefação. Em relação à quantidade, ninguém ignora que os farnáceos produzem mais sangue do que a carne; devem portanto produzir mais leite também. Não posso acreditar que uma criança desmamada não demasiado cedo, ou somente desmamada com alimentos vegetais e cuja ama só viva também de vegetais, venha a ter vermes algum dia.

(10) As mulheres comem pão, legumes, laticínios: as fêmeas dos cães e dos gatos também; até as lóbas pastam. São sucos vegetais para seu leite. Resta a examinar o das espécies que só podem alimentar-se de carne, se é que as há. Do que duvido.

Pode ser que os alimentos vegetais dêem um leite mais facilmente azedável; mas estou longe de encarar o leite azêdo como um alimento málsão: povos inteiros, que não têm outro alimento, passam muito bem e tôda essa combinação de absorventes se me afigura puro charlatanismo. Há temperamentos aos quais o leite não convém e então nenhum absorvente o torna suportável; outros o suportam sem absorvente. Temem o leite coalhado: é bobagem porquanto se sabe que o leite coalha no estômago. Assim é que se torna um alimento bastante sólido para alimentar as crianças e os pequenos animais; se não coalhasse, não faria senão passar, não alimentaria¹¹. Pode-se cortar o leite de mil maneiras, empregar mil absorventes, quem tome leite, digere queijo e isso sem exceção. É o estômago tão bem feito para coalhar o leite, que é com estômago de vitela que se faz a coalhada.

Penso portanto que ao invés de mudar a alimentação comum das amas, basta dar-lhes a mesma com mais abundância e mais bem escolhida. Não é pela natureza dos alimentos que a dieta perturba, é seu tempêro que os torna málsãos. Reforça mai as regras de vossa cozinha; evitai a manteiga queimada e as frituras; que nem a manteiga, nem o sal, nem os laticínios passem pelo fogo; que os legumes cozidos na água só sejam temperados ao chegarem quentes à mesa: a dieta, ao invés de perturbar a ama, dar-lhe-á leite em abundância e da melhor qualidade¹². Será possível que o regime vegetal, reconhecidamente o melhor para a criança não seja melhor do que o animal para a ama? Há certa contradição nisso. É principalmente nos primeiros anos de vida que o ar atua sobre a constituição das crianças. Numa pele delicada e mole, êle penetra por todos os poros, afeta fortemente os corpos em desenvolvimento, deixa-lhes impressões que não se apagam. Não sou por isso favorável a que se tire uma camponesa de sua aldeia para fechá-la num quarto da cidade e se faça amamentar a criança em casa; prefiro que ela vá respirar o bom ar dos campos a respirar o

(11) Embora os sucos que nos nutrem sejam líquidos, devem ser tirados de alimentos sólidos. Um homem trabalhando, que vivesse somente de caldos, deperceria rapidamente. Sustentar-se-ia muito melhor com o leite, porque êste coalha.

(12) Os que desejarem discutir mais a fundo as vantagens e os inconvenientes do regime pitagórico poderão consultar os tratados que os doutôres Cocchi e Bianchi, seu adversário, escreveram sobre o assunto.

mau da cidade. Ela tomará a condição de sua nova mãe, morará na sua casa rústica e seu governante a acompanhará. O leitor deve lembrar-se de que (o governante não é um mercenário: é um amigo do pai.) Mas quando não se encontra esse amigo, quando essa transposição não é fácil, quando nada do que aconselha é possível, que fazer, dir-me-ão. Já vos disse: o que fazeis, e não há necessidade de conselho para isso.

Os homens não são feitos para se amontoarem em formigueiros e sim para serem espalhados pela terra que devem cultivar. Quanto mais se juntam, mais se corrompem. As enfermidades do corpo, bem como os vícios da alma, são a consequência infalível dessa aglomeração excessiva. De todos os animais, o homem é o que menos pode viver em rebanho. Homens juntados como carneiros pereceriam dentro de pouco tempo. O hálito do homem é mortal para seus semelhantes; isso não é menos verdadeiro no sentido próprio do que no figurado.

As cidades são os báratros da espécie humana. Ao fim de algumas gerações as raças morrem ou degeneram; é preciso renová-las e é sempre o campo que procede a essa renovação. Mandai portanto vossos filhos renovarem-se, por assim dizer, a si mesmos, recuperando nos campos o vigor perdido no ar malsão dos lugares demasiado povoados. As mulheres grávidas que se encontram nos campos apressam-se em ir ter seus filhos na cidade: deveriam fazer exatamente o contrário, principalmente as que querem amamentá-los. Teriam menos do que imaginam de que se arrepender; e num lugar mais natural à espécie, os prazeres ligados aos deveres da natureza tirar-lhes-iam, em breve, o pendor pelos que com ela não se relacionam.

Logo depois do parto, lava-se a criança com um pouco de água morna a que se mistura comumente vinho. Essa adição de vinho não me parece muito necessária. Como a natureza não produz nada fermentado, não é de se acreditar que o uso de um líquido artificial tenha importância na vida de suas criaturas.

Pela mesma razão a precaução de amornar a água não é tampouco indispensável; e com efeito, inúmeros povos lavam os recém-nascidos nos rios ou no mar sem maiores cuidados. Mas nossos filhos, amolecidos antes de nascerem pela moleza dos pais e das mães, trazem, vindo ao mundo, um temperamento já corrompido que cumpre não expor desde logo a tôdas as provas por que devem passar para restabelecê-lo. Só gradualmente é que se pode reconduzi-los a seu vigor primitivo. Come-

çai portanto seguindo os usos e só aos poucos vos afasteis déles. Lavai amiúde as crianças, sua sujidade mostra a necessidade disso. Vós as feris em vos restringindo a limpá-las; mas diminui progressivamente a tepidez da água na medida em que se fortalecem, até que as possais lavar, no inverno como no verão, com água fria e mesmo gelada. Como, para não as expor a acidentes, é preciso que essa diminuição seja lenta, sucesiva e insensível, podeis empregar o termómetro a fim de medi-la exatamente.

Esse uso do banho, uma vez estabelecido, não deve mais ser interrompido e cumpre conservá-lo durante tódá a vida. Encaro-o não sòmente em relação à limpeza e à saúde no momento, mas também como uma precaução salutar para tornar mais flexível a textura das fibras e fazê-las ceder sem esforço nem riscos aos diversos graus de calor ou de frio. Para isso, gostaria que, em crescendo, a criança se acostumassee pouco a pouco a banhar-se às vèzes em águas quentes a todos os graus suportáveis e muitas vèzes em águas frias a todos os graus possíveis. Assim, depois de se ter habituado a suportar as diversas temperaturas da água que, sendo um flúido mais denso, toca em maior número de pontos e afeta mais, a criança tornar-se-ia quase insensível às do ar.

No momento em que a criança respira ao sair de seu invólucro, não deixéis que lhe dêem outro que a mantenha mais acanhada. Nada de toucas, de faixas, de cintas; fraldas não apertadas, amplas, que deixem todos os membros em liberdade, que não sejam pesados demais, que embaraçaria os movimentos, nem quentes demais, o que a impediria de sentir o ar¹³. Colocai-na num berço grande¹⁴ bem acolchoado, em que ela possa mexer-se à vontade e sem perigo. Quando começar a fortalecer-se, deixai-a engatinhar pelo quarto; deixai-a distender e desenvolver seus pequenos membros; vós a vereis reforçar-se dia

(13) Sufocam as crianças nas cidades à força de conservá-las fechadas e vestidas. Os que delas se occupam ainda não sabem que o ar frio, longe de lhes fazer mal, as fortalece, e que o ar quente lhes dá febre e as mata.

(14) Na falta de outra palavra digo berço (*berceau*) que é de uso corrente; mas estou persuadido de que não é nunca necessário embalar (*bercer*) as crianças e de que este hábito lhes é amiúde pernicioso.

após dia. Comparai-a com uma criança bem enfaixada da mesma idade; ficareis espantado com a diferença dos progressos. ¹⁵ Deve-se contar com grandes oposições da parte das amas, às quais a criança bem enfaixada dá menos trabalho que aquela que se deve vigiar sem cessar. Demais sua sujidade faz-se mais sensível com uma roupa aberta; cumpre limpá-la mais vèzes. Finalmente, o costume é um argumento que nunca se refutará, em certas regiões, à predileção do povo de todos os países.

Não racioneis nunca com as amas; ordenai, vêde fazer e nada poupeis para tornar fáceis, na prática, os cuidados que ti verdes prescrito. E por que não os compartilhareis? Nas alienações comuns, em que só se atenta para o físico, conquan-to a criança viva e não depereça, o resto pouco importa; mas aqui, em que a educação começa com a vida, (ao nascer, a criança já é discípulo, não do governante e sim da natureza. O governante não faz senão estudar, orientado por esse primeiro mestre, e impedir que seus cuidados sejam contrariados. Ele vigia o bebê, observa-o, segue-o, vigilante, para o primeiro reluzir de seu fraco entendimento,) assim como o mulmano espia, quando do quarto crescente, o nascer da lua.

Nascemos capazes de aprender, mas não sabendo nada, não conhecendo nada. A alma acorrentada a seus órgãos imperfeitos

(15) "Os antigos peruanos deixavam os filhos com os braços livres num envolvedouro muito amplo; quando dêle os tiravam, punham-nos em liberdade num buraco feito na terra e guarnecido de lençóis dentro do qual os desciam até metade do corpo; dessa maneira tinham os braços livres, podiam mexer a cabeça e dobrar o corpo à vontade sem que caíssem nem se machucassem. Logo que podiam dar um passo, apresentavam-lhes o seio de certa distância como uma isca para obrigá-los a andar. Os negrinhos encontram-se por vèzes numa posição bem mais cansativa para mamar: abarcam as ancas da mãe com os joelhos e os pés e tão bem as apertam que podem sustentar-se sem o auxílio dos braços da mãe. Prendem-se ao seio com as mãos e chupam-no constantemente sem que se incomodem ou caiam apesar dos diferentes movimentos da mãe que, durante esse tempo, trabalha como de costume. Essas crianças começam a andar ou antes, a engatinhar já no segundo mês. Esse exercício dá-lhes mais tarde a facilidade de correr dessa maneira quase tão depressa como em pé" (Hist. Nat. Tomo IV, in-12, p. 192).

A tais exemplos, Buffon poderia ter acrescentado o da Inglaterra onde a prática extravagante e bárbara das faixas se vai abolindo dia a dia. V. também La Loubère, *Voyage du Siam*; Le Beau, *Voyage du Canada*, etc. Encheria vinte páginas de citações se precisasse confirmar isso com fatos.

tos e semiformados, não tem sequer o sentimento de sua própria existência. (Os movimentos, os gritos da criança que acaba de nascer, são efeitos puramente mecânicos, desprovidos de conhecimento e de vontade.)

Suponhamos que uma criança tivesse ao nascer a estatura e a força de um homem feito, que sasse, por assim dizer, com todos os seis meios de ação do ventre de sua mãe, assim como Pallas saiu do cérebro de Júpiter; esse homem-criança seria um perfeito imbecil, um autômato, uma estátua imóvel e quase insensível: não veria nada, não compreenderia nada, não conheceria ninguém, não saberia voltar os olhos para o que tivesse necessidade de ver. Não somente não perceberia nenhum objeto fora de si, como não levaria nenhum ao órgão do sentido que lhe faria percebê-lo; as côres não estariam nos seus olhos, os sons não estariam nos seus ouvidos, os corpos que tocasse não estariam no seu, nem sequer êle saberia que tem um; o contato de suas mãos não estaria no seu cérebro; tôdas as suas sensações se reuniriam num só ponto; êle só existiria no *sensorium* comum; teria uma só idéia, a do *eu* a que attribuiria tôdas as suas sensações; e esta idéia, ou melhor, êste sentimento seria a única coisa que teria a mais do que que uma criança comum.

Esse homem formado repentinamente não saberia tampouco erguer-se sobre os pés; ser-lhe-ia necessário muito tempo para aprender a equilibrar-se nêles; talvez nem mesmo o tentasse, e verieis esse grande corpo forte e robusto, não sair do lugar como uma pedra ou arrastar-se rastejando como um cachorrinho.

Sentiria o incômodo das necessidades, sem conhecer nem imaginar um meio de atender a elas. Não há nenhuma comunicação immediata dos músculos do estômago com os dos braços e das pernas que, mesmo cercado de alimentos, o fizesse dar um passo para dêles se aproximar ou pegá-los; e como seu corpo já estaria crescido e estariam desenvolvidos os seus membros, êle não teria, conseqüentemente, nem as inquietações nem os movimentos contínuos das crianças e poderia morrer de fome antes de se mexer, a fim de procurar sua subsistência. (Por pouco que se tenha refletido sobre a ordem e o progresso de nossos conhecimentos, não se pode negar que tal tenha sido mais ou menos o estado primitivo de ignorância e de estupidez natural ao homem, antes que tivesse aprendido o que quer que seja da experiência ou de seus semelhantes.)

Conhece-se portanto, ou pode-se conhecer, o ponto de partida de cada um de nós para chegar ao grau comum do entendimento; mas quem conhece a outra extremidade? Cada qual avança mais ou menos segundo seu gênio, seu gênio, suas necessidades, seus talentos, seu zelo e as oportunidades que tem. Não sei de nenhum filósofo ainda que tenha sido bastante ousado para dizer: eis o termo a que o homem pode chegar e não pode ultrapassar. Ignoramos o que nossa natureza nos permite ser; nenhum de nós mediu a distância que pode haver entre um homem e outro homem. Qual a alma baixa que essa idéia nunca perturbou e que não tenha dito não raro em seu orgulho: quantos não ultrapassei! quantos ainda posso alcançar! por que meu igual iria mais longe do que eu?

Repito-o, a educação do homem começa com seu nascimento; antes de falar, antes de compreender, já ele se instrui. A experiência adianta-se às lições; no momento em que conhece sua ama, já muito éle adquiriu. Surprenderiam-nos os conhecimentos do homem mais bronco, se seguissemos seu progresso desde o momento em que nasceu até àquele a que chegou. Se se dividisse toda a ciência humana em duas partes, uma comum a todos os homens, outra peculiar aos sábios, esta seria muito pequena em comparação com a outra. Mas não pensamos quase nas aquisições gerais, porque elas se fazem sem que nelas pensemos e até antes da idade da razão. De resto, o saber só se faz notar pelas diferenças e, como nas equações de álgebra, as quantidades comuns não contam.

Os próprios animais adquirem muito. Têm sentidos, cumpre que aprendam a usá-los; têm necessidades, cumpre que aprendam a atender a elas; cumpre que aprendam a comer, a andar, a voar. Os quadrúpedes, embora se mantenham em pé desde o nascimento, não sabem andar: vêmo-lo a seus primeiros passos que são tentativas inseguras. Os canários fugidos da gaiola não sabem voar, porque nunca voaram. Tudo é instrução para os seres animados e sensíveis. Se as plantas tivessem um movimento progressivo, seria preciso que tivessem sentidos e adquirissem conhecimentos; de outro modo as espécies pereceriam dentro em breve.

(As primeiras sensações das crianças são puramente afetivas; não percebem senão o prazer e a dor. Não podendo nem andar nem pegar, precisam de muito tempo para formarem pouco a pouco as sensações representativas que lhes mostram os objetos fora de si mesmas; mas enquanto êsses objetos não se es-

tendem, não se afastam, por assim dizer, de seus olhos, e tomam para êles dimensões e formas, a repetição das sensações afetivas começa a submetê-los ao império do hábito; vemos seus olhos voltarem-se sem cessar para a luz e se esta vem de lado tomam a mesma direção. De maneira que devemos cuidar de apresentar seu rosto à claridade, a fim de que não se tornem vultos nem se acostumem a olhar de viés. É preciso também que se habituem desde cedo às trevas; de outro modo choram e gritam logo que se encontram na obscuridade. O alimento e o sono, demasiado medidos, fazem-se-lhes necessários ao fim dos mesmos intervalos; e dentro em breve o desejo não vem mais da necessidade e sim do hábito, ou melhor, o hábito acrescenta uma nova necessidade à da natureza: eis o que cabe evitar.

O único hábito que se deve deixar a criança adquirir é o de não contrair nenhum; que não a ponham mais sobre um braço do que sobre outro; que não a acostumem a dar uma mão mais do que a outra, a dela fazer uso mais amidoado, a querer comer, dormir, agir nas mesmas horas, a não poder ficar sozinha de dia ou de noite. Preparai de longe o reinado de sua liberdade e o emprêgo de suas forças, deixando a seu corpo o hábito natural, pondo-a em estado de ser sempre senhora de si mesma e fazendo em tudo sua vontade logo que tenha uma.

A partir do momento em que a criança começa a distinguir os objetos, cumpre variar os que se lhe mostram. Naturalmente todos os novos objetos interessam o homem. Sentese êle tão frágil que teme tudo o que não conhece: o hábito de ver novos objetos sem ser afetado por êles destrói tal temor. As crianças criadas em casas limpas, onde não existem aranhas, têm medo das aranhas e êsse medo se prolonga na idade adulta. Nunca vi camponês, homem, mulher ou criança, ter medo de aranha.

Por que então não começaria a educação da criança antes que ela fale e compreenda, desde que a simples escolha dos objetos que lhe apresentamos já pode torná-la tímida ou corajosa? Quero que a acostumem a ver objetos diferentes, animais feios, asquerosos, estranhos, mas pouco a pouco, de longe, até que a êles se acostume e que a força de vê-los manejados por outrem os maneje ela própria. Se tiver visto na infância sapos, cobras, caranguejos, verá sem horror, quando adulto, qualquer espécie de animal. Não há objetos horríveis para quem os vê diariamente.

to necessário. Assim é que ela aprende a sentir o calor, o frio, a dureza, a moleza, o péso, a leveza dos corpos, a julgar de seu tamanho, de sua forma e de tôdas as suas qualidades sensíveis, a olhando, apalpando¹⁶, ouvindo e principalmente comparando a vista ao tato, estimando pelo olhar a sensação que provocariam em seus dedos.

É sòmente pelo movimento que sabemos que há coisas que não são nós; e é sòmente pelo nosso próprio movimento que adquirimos a idéia da extensão. É por não ter essa idéia que a criança estende indiferentemente a mão para apanhar o objeto que se acha perto dela ou a cem passos. Esse esforço que ela faz se vos afigura sinal de vontade de domínio, ordem de aproximar-se que ela dá ao objeto ou que vos dá de trazê-lo; nada disso, os mesmos objetos que ela via inicialmente em seu cérebro, a seguir em seus olhos, ela os vê agora na ponta dos braços e só imagina uma extensão que pode atingir. Cuidai portanto de passê-la amiúde, de transportá-la de um lugar para outro, de fazê-la sentir essa mudança, a fim de ensiná-la a julgar as distâncias. Quando ela começar a conhecê-las, será preciso mudar de método e só a transportar como quiserdes e não como ela quiser. Pois, em não sendo ela mais enganada pelos sentidos, seu estôrço mudará de causa: essa mudança é notável e exige explicação.

O mal-estar das necessidades exprime-se por sinais quando o auxílio de outrem é necessário para apaziguá-lo: daí os gritos das crianças. Elas choram muito; assim deve ser. Como tôdas as suas sensações são afetivas, quando são agradáveis elas as apreciam em silêncio; quando penosas, elas o dizem em sua linguagem e pedem alívio. Ora, quando acordadas, elas não podem permanecer indiferentes; ou dormem ou as sentem.

Tôdas as nossas línguas são obras de arte. (Procurou-se durante muito tempo saber se haveria uma língua natural e comum a todos os homens. Sem dúvida há uma: a que as crianças falam antes de saberem falar.) Essa língua não é articulada, mas é acentuada, sonora, inteligível. O emprêgo das nossas nos fêz negligenciá-la a ponto de a esquecermos por com-

(16) O olfato é, de todos os sentidos, o que mais tarde se desenvolve nas crianças; até a idade de dois ou três anos, não parece que sejam sensíveis nem aos bons nem aos maus odôres; têm a respeito a indiferença, ou antes, a insensibilidade que se observa em muitos animais.

Tôdas as crianças têm médo de máscaras. Começo mostrando a Emílio uma máscara de fisionomia agradável; depois alguém põe essa máscara no rosto d'ele: eu rio e todo mundo ri e a criança ri como todos. Pouco a pouco acostumo-a a máscaras menos agradáveis e finalmente a caras horrosas. Se tiver ordenado com cuidado a gradação, ela há de rir das últimas como da primeira. Depois disso não receio mais de que a assustem com máscaras.

Quando nas despedidas de Andrómaca e de Heitor, o pequeno Antyanax, assustado com o penacho do capacete do pai o desconhece e se joga gritando, no colo da ama, e arranca de sua mãe um sorriso molhado de lágrimas; que fazer para curar o pavor? Precisamente o que faz Heitor; pôr o capacete no chão e depois acariciar a criança. Num momento mais tranquillo não se ficaria nisso; aproximar-se-ia do capacete, brincar-se-ia com as plumas, ofereceriam-se-lhes à criança; finalmente a ama pegaria o capacete e, rindo, o colocaria na cabeça, se é que uma mão de mulher ousasse tocar nas armas de Heitor.

Trata-se de habituar Emílio ao ruído de uma arma de fogo, queimo primeiramente uma mecha na pistola. Essa chama brusca e passageira, essa espécie de relâmpago, alegre-o; repito a coisa com mais pólvora; pouco a pouco acrescento à pistola uma pequena carga sem bucha, depois outra maior; finalmente acostumo-o a tiros de fuzil, a bombas, a canhões, às mais terríveis detonações.

Observei que as crianças raramente têm médo do trovão, a menos que sejam tremendos e firam realmente o ouvido; a não ser assim êsse receio só lhes vem quando aprendem que o trovão fere e mata às vêzes. Quando a razão começar a assustá-las, fazei com que o hábito as tranquilize. Com uma prática lenta e cuidadosa tornam-se intrépidos o homem e a criança.

No principio da vida, quando a memória e a imaginação são ainda inativas, a criança só presta atenção àquilo que afeta seus sentidos no momento; sendo suas sensações o primeiro material de seus conhecimentos, oferecer-lhas numa ordem conveniente é preparar sua memória a fornecer-lhas um dia na mesma ordem a seu entendimento; (mas como ela só presta atenção a suas sensações, basta primeiramente mostrar-lhe bem distintamente a ligação dessas sensações com os objetos que as produzem.) Ela quer meter a mão em tudo, tudo manejar: não contrariéis essa inquietação; ela lhe sugere um aprendizado mu-

Estudemos a criança e logo a reaprenderemos com ela. As mães são nossos professores nessa língua; elas entendem tudo o que lhes diz o bebê; respondem-lhe, têm com ele diálogos muito pertinentes; e embora elas pronunciem palavras, estas são perfeitamente inúteis; não é o sentido das palavras que o bebê entende, e sim o acento com que se acompanham.

A linguagem da voz junta-se a do gesto, não menos enérgica. Esse gesto não está nas fracas mãos da criança, está em seus rostos. É de espantar ver a que ponto essas fisionomias mal formadas já têm expressão; seus traços mudam de um momento para outro com inconcebível rapidez; vêem-se nelas o sorriso, o desejo, o pavor nascerem e passarem como relâmpagos; e a cada vez acredita-se descobrir outro rosto. As crianças têm certamente os músculos da face mais móveis do que nós. Por outro lado, entretanto, seus olhos baços quase nada dizem. Assim tem de ser o tipo de seus sinais numa idade que só existe em necessidades corporais; a expressão das sensações está nas contrações do rosto, a expressão dos sentimentos nos olhares.

Como o primeiro estado do homem é de miséria e fraqueza, suas primeiras vozes são de queixas e de choros. A criança sente suas necessidades e, não podendo satisfazê-las, implora o auxílio de outrem com gritos; se tem fome ou sede, chora; se sente muito frio ou muito calor, chora; se precisa de movimento e a mantém em repouso, chora; se quer dormir e a agitam, chora. Quanto menos sua maneira de ser se acha à sua disposição, mais ela pede constantemente que a mudem. Só tem uma linguagem porque não tem, por assim dizer, senão uma espécie de mal-estar: na imperfeição de seus órgãos não distingue suas diversas impressões; todos os males já lhe dão uma sensação de dor.

Dêses choros que imaginamos tão pouco dignos de atenção, nasce a primeira relação do homem com tudo o que o cerca: forja-se o primeiro elo dessa grande cadeia de que é formada a ordem social.

Quando a criança chora, está mal à vontade, tem alguma necessidade que não pode satisfazer: examina-se, procura-se essa necessidade, encontra-se e atende-se a ela. Quando não se encontra ou quando não se pode atender a ela, os choros continuam e importunam: acarinha-se a criança para que se cale, embala-se a criança, canta-se para que durma; se se obstina, a gente se impacienta, a gente a ameaça; amas brutais batem-na por vêzes. Eis estranhas lições para sua entrada na vida.

Não esqueceréi nunca ter visto um dêses incômodos matinhos batido pela ama. Calou imediatamente; imaginei-o intimidado. Dizia-me: será uma alma servil da qual nada se obterá a não ser com rigor. Enganava-me: o pobrezinho sufocava de cólera, perdera a respiração; vi-lo tornar-se roxo. Momentos depois vieram os gritos agudos; todos os sinais do ressentimento, da raiva, do desespero dessa idade, estavam nêles. Reccei que morresse nessa agitação. Se eu houvesse duvidado de que o sentimento do justo e do injusto é inato no coração do homem, esse simples exemplo me teria convencido. Estou certo de que uma brasa caída por acaso na mão dessa criança lhe teria sido mênos sensível do que a pancada bastante leve mas dada com a intenção manifesta de ofendê-la.

Essa disposição das crianças para o arrebatamento, para o despeito, a raiva, exige cuidados muito grandes. Boerhaave pensa que suas doenças são em sua maioria de ordem convulsiva, porque sendo nelas a cabeça proporcionalmente maior e o sistema dos nervos mais extenso do que nos adultos, a parte nervosa é mais suscetível de irritação. Afastai delas com o maior cuidado os criados que as excitam, as irritam, as impacientam: são-lhe cem vézes mais perigosos, mais funestos que as injúrias do ar e das estações. Enquanto as crianças só encontrarem resistência nas coisas e não nas vontades, não se tornarão emburradas nem coléricas e conservar-se-ão em melhor saúde. É uma das razões porque as crianças do povo, mais livres, mais independentes, são geralmente menos doentias, menos delicadas, mais robustas do que as que pretendem educar contrariando-as sem cessar. Mas cumpre pensar sempre que há grande diferença entre lhes obedecer e não as contrariar.

Os primeiros choros das crianças são solicitações: se não tomamos cuidado, logo se tornam ordens; começam pedindo assistência, acabam fazendo-se servir. Assim, de sua própria fraqueza, de que provém inicialmente o sentimento de sua dependência, nasce a seguir a idéia de império, de domínio; mas essa idéia sendo menos provocada por suas necessidades do que por nossos serviços, começam-se a perceber os efeitos morais cuja causa imediata não está na natureza; e vê-se desde já por que, (desde a primeira infância, importa descobrir a intenção secreta que dita o gesto ou o grito.)

Quando a criança estende a mão com esforço sem nada dizer, ela pensa alcançar o objeto, porquanto não calcula a distância; engana-se; mas quando se queixa e grita estendendo a

mão, não mais se engana acêrca da distância, ordena ao objeto de se aproximar ou a vós de trazê-lo. No primeiro caso, leva ao objeto devagar e a passos miúdos; no segundo, fingi que não a entendeis: quanto mais gritar menos deveis ouvi-la. Cumprir acostumá-la desde cedo a não comandar nem nos homens, não ser senhor dêles, nem nas coisas que não a entendem. Assim, quando uma criança deseja alguma coisa que vê e que reemos dar-lhe, é melhor conduzi-la ao objeto que trazê-lo a ela: dessa prática ela tira uma conclusão que é de sua idade e não há outro meio de sugerir-lha.

O abade de Saint-Pierre chamava aos homens crianças grandes; poder-se-ia, reciprocamente, chamar às crianças pequenos homens. Tais ditos têm sua verdade como sentenças; como princípios, precisam de esclarecimentos. Mas quando Hobbes dizia de um mau que era uma criança robusta, afirmava uma coisa absolutamente contraditória. (Tôda maldade vem da fraqueza; a criança só é má porque é fraca; fortalece-a, ela será boa; quem tudo pudesse nunca praticaria o mal. De todos os atributos da Divindade tôda poderosa, a bondade é aquêle sem o qual menos se poderia concebê-la. Todos os povos que admittiram dois princípios sempre encararam o mau como inferior ao bom; sem o que teriam feito uma suposição absurda.) Vêde a Profissão de fé do Vigário saboiano.

(Sòmente a razão nos ensina a conhecer o bem e o mal.) A consciência que nos faz amar um e odiar o outro, embora independente da razão, não pode pois desenvolver-se sem ela. Attes da idade da razão, fazemos o bem e o mal sem o saber; e não há moralidade em nossas ações embora haja por vèzes no sentimento das ações de outrem em relação a nós. Uma criança quer desmantelar tudo o que vê: parte, quebra tudo o que pode alcançar; pega um passarinho como pegaria uma pedra e o estrangula sem saber o que está fazendo.

Por quê? Desde logo a filosofia vai explicá-lo pelos vícios naturais: o orgulho, a vontade de domínio, o amor próprio, a maldade do homem. O sentimento de sua fraqueza, poderá acrescentar, torna a criança ávida de perpetrar atos de força e provar a si mesma seu próprio poder. Mas vêde o ancão enfêrmo e alquebrado, trazido de volta à infância no círculo da vida humana: não sòmente permanece imóvel e sereno, como ainda quer que tudo o permaneça em volta dêle; a menor mudança o perturba e inquieta, êle desejaria ver reinar uma paz universal. Por que a mesma impotência unida às mesmas pai-

xões produziria efeitos tão diferentes nas duas idades, se a causa primeira não fôsse outra? E onde buscar essa diversidade de causas senão no estado físico dos dois indivíduos? O princípio ativo, com um a ambos, desenvolve-se num e se extingue no outro; um está-se formando, outro se destruindo; um tende para a vida, outro para a morte. A atividade enfraquecida concentra-se no coração do velho; no da criança ela abunda e projeta-se para fora; ela sente, por assim dizer, vida suficiente para animar tudo o que a cerca. Que faça ou desfaça, pouca mudança é ta; basta que mude o estado das coisas, e tôda mudança é uma ação. Não é por maldade que ela parece ter mais tendência para destruir, é porque a ação que forma é sempre lenta e a que destrói, sendo mais rápida, convém mais a sua vivacidade.

Ao mesmo tempo que o Autor da natureza dá às crianças êsse princípio ativo, êle cuida de que seja pouco nocivo outorgando-lhes pouca força para que a êle se entreguem. Mas logo que elas podem encarar as pessoas que as cercam e os instrumentos que depende delas fazer com que ajam, dêles elas se servem para seguir sua tendência e suprir a sua própria fraqueza. Eis como elas se tornam incômodas, tirânicas, voluntariosas, maldosas, indomáveis; progresso que lhes dá essa vontade natural de domínio e sim que lhes dá essa vontade; pois não é necessária uma longa experiência para sentir a que ponto é agradável agir pelas mãos de outrem e não ser preciso senão mexer a língua para movimentar o universo.

Em crescendo, adquirimos forças, tornamo-nos menos inquietos, menos trêfegos, fechamo-nos mais em nós mesmos. A alma e o corpo põem-se, por assim dizer, em equilíbrio e a natureza não nos pede mais do que o movimento necessário à nossa conservação. (Mas o desejo de mandar não se extingue com a necessidade que o fêz surgir; o domínio desperta e satisfaz o amor próprio e o hábito o fortalece. Assim a fantasia succede à necessidade, assim começam a arraigar-se os preconceitos da opinião.)

Conhecido o princípio, percebemos claramente o ponto em que abandonamos o caminho da natureza; vejamos o que é preciso fazer para nêle nos mantermos.

Longe de ter forças supérfluas, as crianças não têm sequer as suficientes para tudo o que delas sollicita a natureza; cumprir portanto deixar-lhes o emprêgo de tôdas as que ela lhes dá e de que não podem abusar. Primeira máxima.

É preciso ajudá-las e suprir de que carecem, seja em inteligência, seja em força, em tudo o que diz respeito às necessidades físicas. Segunda máxima.

(É preciso, no auxílio que se lhes dá, restringirmo-nos unicamente ao útil real, nada concedendo à fantasia ou ao desejo sem razão, pois a fantasia não as atormentará enquanto não a tivermos feito nascer, dado que não é da natureza. Terceira máxima.

É preciso estudar com cuidado sua linguagem e seus sinais, a fim de que, numa idade em que não sabem dissimular, possam distinguir em seus desejos o que vem imediatamente da natureza do que vem da opinião. Quarta máxima.

O espírito dessas regras está em conceder às crianças mais liberdade verdadeira e menos voluntariedade, em deixá-las com que façam mais por si mesmas e exijam menos dos outros. Assim, acostumando-se desde cedo, a subordinar seus desejos a suas forças, elas sentirão pouco a privação do que não estiver em seu poder.

Eis mais uma razão, e muito importante, para deixar os corpos e os membros das crianças absolutamente livres com a única precaução de afastá-las do perigo das quedas e de tirar de suas mãos tudo o que as possa ferir.

Infalivelmente, uma criança com o corpo e os braços livres chorará menos do que outra tóda enfaixada. Quem só conhece as necessidades físicas chora unicamente quando sofre e é uma grande vantagem, pois então se sabe com precisão quando necessita de auxílio e não se atrasa um momento sequer em lho dar, se possível. Mas se não puderdes aliviá-lo, ficai sossegados, sem o acarinhar para acalmá-lo. Vossas carícias não curarão a cólica. Mas a criança se lembrará do que é preciso fazer para ser acarinhada; e se souber, uma vez, fazer com que vos ocupeis dela à vontade, ei-la senhora de vós. E tudo estará perdido.

Menos contrariadas em seus movimentos as crianças choram menos; menos importunados por seus choros, atormentam menos a fim de fazê-las calar; ameaçadas ou acarinhadas menos vezes, elas se mostrarão menos medrosas ou menos voluntariosas e permanecerão melhor em seu estado natural. É menos deixando as crianças chorarem, do que se esforçando por acalmá-las, que corremos o risco de acidentes. A prova está em que as crianças menos cuidadas a êles, são menos sujeitas do que as outras. (Não quero com isso, nem de longe, que as ne-

gligenciem; ao contrário, cumpre prevenir tais acidentes e dêles não ser advertido somente pelos gritos. Mas não quero tão pouco que os cuidados sejam mal compreendidos. Por que deixariam elas de chorar se perceberem que o choro é útil a tanta coisa? Conscientes do que pagam por seu silêncio evitarão prodigalizá-lo. Valorizam-no finalmente tanto que não o podemos mais pagar; e é então que, à força de chorar sem resultado, se cansam, se esgotam, se matam.

As longas choradeiras da criança que não está nem enfada nem doente, e à qual não deixam faltar nada, não são obra da natureza e sim da ama que, por não saber suportar a maçada, a multiplica, sem pensar que fazendo a criança calar hoje a excita a chorar mais amanhã.

(A única maneira de curar ou prevenir tal hábito é não lhe prestar a menor atenção.) Ninguém gosta de pensar inutilmente, nem mesmo as crianças. Elas são obstinadas em suas tentativas, mas se tiverdes mais constância do que elas de obstinação, elas se agastarão e não recommearão. Assim é que lhes pouparemos o choro e que as acostumaremos a somente chorarem quando a dor a tanto as forçar.

Demais, quando choram por fantasia ou por obstinação, o meio seguro para impedi-las de continuarem consiste em (distraí-las com algum objeto agradável e impressionante que as leve a esquecerem que queriam chorar.) As amas, em sua maioria, excedem nessa arte que, bem aplicada, é muito útil; (mas é da maior importância que a criança não perceba a intenção de distraí-la e que ela se divirta sem imaginar que se está pensando nela: e é no que, em geral, as amas são desastradas.

Desmamam cedo demais as crianças. A época em que devem ser desmamadas é indicada pela erupção dos dentes e essa erupção é comumente penosa e dolorosa. Por um instinto materno a criança leva então à boca tudo o que pega, a fim de mastigá-lo. Pensam facilitar a operação dando-lhes como chocalho um objeto duro, de marfim ou o que valha. Creio que se enganam. Esses corpos duros, aplicados sobre as gengivas, em vez de amolecê-las as tornam calosas, as endurecem, Tomecam um dilaceramento mais penoso e mais doloroso. Tomamos sempre o instinto como exemplo. Não se vêem os filhotes de cães exercitando seus dentes nascentes em pedras, no ferro, nos ossos, e sim na madeira, no couro, em trapos, em materiais moles que cedem e nos quais os dentes se enfiam.

(Não sabemos mais ser simples com nada, nem mesmo com prata, de ouro, de coral, cristais facetados, Guizos de preço e de todos os tipos: quantas coisas iníquas, chocáhos de preço. Nada de guizos, nada de chocalhos de preço. Nada disso. Nada com seus frutos e suas folhas e perniciosas! Nada de árvores com suas sementes ruidosas, um teus e pequenos galhos de dormideira com suas sementes ruidosas, um calhos; pequenos galhos de dormideira com suas sementes ruidosas, um lhas, uma bolota de dormideira com suas sementes ruidosas, um pirlito de alcaçuz que possam chupar e mastigar, as divertirão tanto quanto magníficas bugigangas; e não terão o inconveniente de acostumar-las ao luxo já ao nascerem.

Verificou-se que a papa não é um alimento muito sadio. O leite fervido e a farinha crua fazem muito saburo e convêm mal a nosso estômago. Na papa a farinha é menos cozida do que no pão e, demais, não fermentou. O caldo de miolo de que o creme de arroz parecer-me preferíveis. Se se quiser pão, o creme de arroz convirá então torrar um pouco absolutamente dar uma papa na minha terra, com a farinha assim a farinha antes. Fazem na minha terra, com a farinha assim torrada, uma sopa muito agradável e sadia. O caldo de carne e a sopa são ainda um alimento medíocre que cumpre usar o menos possível. É importante que as crianças aprendam primeiramente a mastigar; é o meio certo de facilitar o aparcimento dos dentes; e quando começam a engolir, os sucos salivares misturados aos alimentos facilitam a digestão.

Eu lhes daria então frutas secas ou cascas de pão para mastigarem. Eu lhes daria por brinquedos, pedaços de pão duro ou de biscoito semelhante ao pão do Piemonte a que chamam *grise* na região. A força de amolecer esse pão na bôca, acabariam engolindo enfim alguma coisa: seus dentes apertariam e elas se veriam desmamadas quase antes de o têmos percebido. Os camponeses têm habitualmente bom estômago e não os desmamam com maiores cuidados.

As crianças querem falar desde ao nascerem; nós lhes falamos, não somente antes que compreendam o que lhes dizem, como antes que possam repetir os sons que ouvem. Seu órgão, ainda mal desenvolvido, só pouco a pouco se presta à imitação dos sons que lhes impomos, e não é certo sequer que tais sons cheguem a seus ouvidos tão distintamente quanto aos nossos. Não desaproveo o fato da ama divertir a criança com cantos e sons muito alegres e variados; mas desaproveo que a aturda sem cessar com uma multidão de palavras inúteis a que não compreende nada senão o tom. Gostaria que as primeiras articulações que a obrigam a ouvir fôsem raras, fáceis, distintas, amiudadamente repetidas e que as palavras que exprimem só

dissessem respeito a objetos sensíveis, passíveis de serem primeiramente mostrados à criança. A lamentável facilidade que temos de nos satisfizermos com palavras que não entendemos começa mais cedo do que se pensa. O aluno ouve na escola a parolagem do mestre como ouve nas fraldas a tagarelice de sua ama. Parece-me que seria instruí-lo útilmente se o criassem para nada compreender a isso.

(Acumulam-se as reflexões quando queremos ocupar-nos da formação da linguagem e das primeiras palavras da criança. Facha-se o que se fizer, ela aprenderá sempre a falar da mesma maneira, e tôdas as especulações filosóficas são nisso da maior inutilidade.)

De início, têm as crianças, por assim dizer, uma gramática de sua idade, cuja sintaxe tem regras mais gerais do que a nossa. E se prestássemos bem atenção, espantar-nos-ia a exatidão com que elas seguem certas analogias, impróprias se quisermos, mas muito defensáveis e que só são chocantes pela sua dureza ou porque o uso não as admite. Acabo de ouvir um pobre menino receber um pito do pai por ter dito: *Mon père irai-je-t-y?* (irei aí). Ora, vê-se que esse menino conhecia mais analogia do que nossos gramáticos, porquanto se lhe diziam *Vá-s-y* (vai), porque não diria êle *Irâi-je-t-y?* Observai, demais, com que habilidade evitava o hiato de *irâi-je-y* ou *y-irâi-je*. Será culpa dêsse menino têmos sem razão suprimido da frase o advérbio determinado y por não sabermos que fazer dêle? É um pedantismo insupportável e um cuidado dos mais superfluos insistir em corrigir nas crianças todos êsses pequenos erros contra os usos, erros de que não deixam de se corrigir elas próprias com o tempo. (Falai sempre corretamente na frente de las, que se comprazam com ninguém tanto quanto convosco e confiai em que vereis que insensivelmente sua linguagem se depurará segundo a vossa, sem que jamais as tenhais corrigido.)

Mas um abuso de bem maior importância, e que não é menos fácil de prevenir, está em insistirmos em que falem depressa, como se tivéssemos receio de que não aprendessem a falar sòzinhas. Esse apressamento indiscreto produz um efeito mais retamente contrário ao que se busca: falarão mais tarde mais confusamente. A extrema atenção que prestamos a tudo o que dizem, exime-as de articular direito; e como mal se dignam abrir a bôca, muitas conservam a vida inteira um defeito de pronúncia e um falar confuso que as torna quase ininteligíveis.

Vivi muito entre os camponeses e nunca ouvi nenhum carregar naturalmente nos rrs, nem homem, nem mulher, nem jovem de ambos os sexos. De onde vem isso? Os órgãos dos camponeses serão diferentes dos nossos? Não, mas são exercitados de outra maneira. Em frente de minha janela há uma colina onde se reúnem em seus folgedos as crianças do lugar. Embora se achem bastante afastadas de mim, distingo perfeitamente tudo o que dizem e disso tiro freqüentemente boas anotações para este estudo. Todos os dias meu ouvido me entrega a respeito de sua idade. Ouço vozes de crianças de dez anos; olho e vejo estatura e traços de crianças de três ou quatro. Não me prendo sozinho a tais experiências; os cidadãos que me vêm visitar, e que consulto a respeito, caem todos no mesmo erro.

O que o provoca consiste em que, até cinco ou seis anos, as crianças das cidades, criadas num quarto e sob os cuidados de uma governanta, não precisam senão engrolar para serem entendidas; mal mexem os lábios cuidam logo de ouvi-las; ditam-lhes palavras que repetem mal e, à força de prestar atenção a elas, as pessoas que estão sempre com elas adivinham o que querem dizer mais do que o que elas dizem.

No campo a coisa é diferente. Um camponês não se acha sempre ao lado de seu filho: este precisa aprender a dizer muito nitidamente e alto o que precisa comunicar. Nos campos, as crianças dispersas, afastadas do pai e da mãe e das demais crianças, exercitam-se em se fazerem ouvir à distância, e a medida a força de sua voz no intervalo que as separa daquelas de quem querem ser ouvidos. Eis como se aprende verdadeiramente a pronunciar, e não gaguejando algumas vogais ao ouvido de uma governanta atenta. Quando se interroga o filho de um camponês, a vergonha pode impedi-lo de responder, mas o que ele diz, diz-lo com nitidez; ao contrário, a criada tem de servir de intérprete à criança da cidade; sem o que não se entende o que resumanga entre os dentes 17.

(17) Isto não vai sem exceção; e muitas vezes as crianças que menos se fazem compreender tornam-se depois as mais brilhantes, quando começam a falar. Mas se fosse preciso entrar em todos esses pormenores, eu não terminaria nunca. Todo leitor sensato deve ver que o excesso e a carência, derivados do mesmo abuso, são igualmente corrigidos com meu método. Encaro estas duas máximas como inseparáveis: *Sempre bastante, nunca demais.* Bem estabelecida a primeira, segue-se a outra necessariamente.

Em crescendo, os meninos deveriam corrigir-se de tais defeitos nos colégios e as meninas nos conventos; em geral, uns e outras falam com efeito mais distintamente do que os criados na casa paterna. Mas o que os impede de adquirir uma pronúncia tão nítida quanto a dos camponeses é a necessidade de aprender de cor muitas coisas e de recitar em voz alta o que aprenderam. Estudando, acostumam-se a garatujar, a pronunciar negligentemente e mal; recitando, pior ainda; procuram as palavras com esforço, arrastam e alongam as sílabas; quando a memória vacila não é possível que a língua não balbucie também. Assim se contraem ou se conservam os vícios de pronúncia. Logo verão que meu Emílio não terá tais vícios ou, ao menos, que não os terá contraído pelas mesmas causas. Convinho em que o povo e a gente das aldeias caem em outro extremo, falam quase sempre mais alto do que necessário, pronunciando demasiado exatamente; têm as articulações rudes e fortes, acentuam demais, escolhem mal seus termos etc.

Antes de mais nada, porém, esse extremo me parece muito menos impróprio do que o outro, porquanto sendo a primeira lei do discurso a de se fazer entender, o erro maior está em falar sem ser entendido. Vangloriar-se de não ter acento, é vangloriar-se de tirar da frase graça e energia. O acento é a alma do discurso, dá-lhe sentimento e verdade. O acento mente menos do que a palavra; talvez seja por isso que as pessoas bem educadas o recebem tanto. É do hábito de tudo dizer no mesmo tom que decorre o de zombar dos outros sem que o sintam. Ao acento proscrito sucedem maneiras de pronunciar rídiculas, afetadas e subornadas à moda, como as que se observam sobretudo nos jovens da corte. Essa afetação da fala e da atitude é que torna em geral o contato com o francês hostil e desagradável às gentes de outras terras. Ao invés de pôr acento na sua linguagem êle põe atitude. Não é o meio de predispor a seu favor.

Todos esses pequenos defeitos de linguagem, que tanto se teme deixar as crianças adquiri-los, corrigem-se com a maior facilidade; mas os que as fazem adquirir tornando sua fala surda, confusa, tímida, criticando incessantemente seu tom de voz, espilhando tôdas as suas palavras, não se corrigem nunca. Um homem que tenha aprendido a falar nas alcovas, far-se-á mal compreender à frente de um batalhão e não impressionará o povo num motim. Ensinaí primeiramente as crianças a falarem aos homens; saberão falar às mulheres quando fôr preciso.

Criados no campo dentro da rusticidade campesina, vossos filhos adquirirão uma voz sonora; não contrairão o gaguejar confuso da cidade; nem contrairão tampouco as expressões e o tom da aldeia, ou os perderão facilmente, quando o mestre, com elas vivendo desde ao nascerem e aí vivendo dia a dia mais exclusivamente, evitará ou apagará, pela correção de sua linguagem, a marca da linguagem dos camponeses. Emílio falará um francês tão puro quanto o que posso saber, mas o falará mais distintamente, e o articulará muito melhor do que eu.

A criança que quer falar não deve ouvir senão as palavras que pode compreender, não dizer senão as que pode articular. Os estorços que faz para isso levam-na a redobrar a mesma sílaba, como para se exercitar a pronunciar-la mais distintamente. Quando começar a balbuciar, não vos atormenteis para adivinhar o que diz. A pretensão de ser sempre ouvido é ainda uma espécie de domínio e a criança não deve exercer nenhum. Contentai-vos com prover mui atentamente ao necessário; cabe a ela procurar fazer-vos compreender o que não o é. (Bem menos ainda cumprirá exigirdes que ela fale; saberá falar na medida em que sentir a utilidade.)

Observa-se, é certo, que as que começam a falar muito tarde não falam tão distintamente quanto as outras. Mas não é porque falam com atraso que o órgão fica embaraçado, é, ao contrário, porque nasceram com um órgão defeituoso que começam a falar tarde. Pois, se não, porque falariam mais tarde do que as outras? Ao contrário, a inquietude que dá êsse atraso, logo que se o percebe, faz com que nos atormentemos muito mais em fazê-las balbuciar do que as que articularam mais cedo. E essa pressa mal entendida pode contribuir para tornar confuso seu falar, o qual, como menos precipitação, elas teriam tido tempo de aperfeiçoar.

As crianças que insistimos demais em fazer com que falem não têm tempo nem de aprender a bem pronunciar, nem de bem conceber o que as forçamos a dizerem; ao passo que, quando as deixamos sòzinhas, elas se exercitam primeiramente nas sílabas mais fáceis de se pronunciarem; juntando a elas algum sentido que se depreenda de seus gestos, as crianças vos darão suas palavras antes de receberem as vossas; isso faz com que só recebam estas depois de as terem entendido. Não tendo a pressa em delas se servirem, comecem por bem observar que sentido lhes dais; e quando se certificam disso as adotam.

O maior mal da precipitação com a qual fazem as crianças falar antes da idade, não está em que as primeiras palavras que lhes dizemos e as primeiras que nos dizem não tenham para elas nenhum sentido, mas sim que tenham um sentido diferente do nosso, sem que saibamos percebê-lo. De modo que, parecendo responder-nos muito precisamente, elas nos falam sem nos entender e sem que nós as entendamos. É em geral a tais equívocos que se deve a surpresa em que nos mergulham por vezes seus dizeres a que emprestamos idéias que elas não lhes deram. Essa nossa falta de atenção com o verdadeiro sentido que as palavras têm para as crianças, parece-me ser a causa de seus primeiros erros: e tais erros, mesmo depois de se corrigirem, influem em seu espírito durante a vida tóda. Terei mais de uma oportunidade, logo mais, de esclarecer isso com exemplos.

Condensai portanto, quanto possível, o vocabulário da criança. É grande inconveniente tenha ela mais palavras que idéias, saiba dizer mais coisas do que pode pensar. Creio que uma das razões de terem os camponeses o espírito mais acertado que o da gente da cidade está em que seu dicionário é menos extenso. Tem essa gente menos idéias mas as assimila muito bem.

Os primeiros desenvolvimentos da infância ocorrem quase todos ao mesmo tempo. A criança aprende a falar, a comer, a andar quase ao mesmo tempo. É em verdade a primeira fase de sua vida. Antes ela não é nada mais do que era no ventre da mãe; não tem nenhum sentimento, nenhuma idéia; mal tem sensações, não sente sequer sua própria existência:

Vivit, et est vitae nescius ipse suae.

LIVRO SEGUNDO

ESTAMOS agora no segundo período da vida, naquele em que realmente termina a infância; pois as palavras *infans* e *puer* não são sinônimas. A primeira acha-se compreendida na outra e significa que não pode falar. dá vem que em Valério Máximo se encontra *puerum infantem*. Mas eu continuo a empregar essa palavra no sentido de nossa língua, até a idade em que ela tem outros nomes.

Quando as crianças começam a falar, choram menos. Esse progresso é natural: uma linguagem é substituída por outra. Desde que podem dizer que sofrem com palavras, por que o diriam com gritos, a não ser quando a dor é demasiado viva para que a palavra a possa exprimir? Se continuavam então a chorar, a culpa cabe às pessoas que as cercam. A partir do momento em que Emílio disser *está-me* doendo, somente dores muito agudas o levarão a chorar.

Se a criança é delicada, sensível, se naturalmente se põe a chorar por nada, lançando gritos inúteis e sem efeito, seco-lhe a fonte desde logo. Enquanto chorar, não irei a ela; irei quando se calar. Dentro em breve sua maneira de me chamar será a de silenciar ou, quando muito, lançar um grito só. É pelo efeito sensível dos sinais que as crianças aferem seu sentido, não há outra convenção para elas: por mais que se machuque, é muito raro que a criança chore estando sòzinha, a menos de ter a esperança de ser ouvida.

Se cai, se faz um galo na cabeça, se sangra do nariz, se corta os dedos, ao invés de acorrer, ficarei tranqüilo, durante certo tempo, ao menos. O mal está feito, é uma necessidade que ela enfrenta, minha solicitude não faria senão atemorizá-la mais ainda e aumentar sua sensibilidade. No fundo, é menos o golpe do que o temor que atormenta, quando a gente se má-

chua. Ao menos esta última angústia eu lhe pouparei, pois muito certamente ela irá encarnar seu mal do modo pelo qual eu o encaro: se me vir acorrer com inquietude, consolá-la, ter pena dela, ela se considerará perdida; se me vir conservar meu sangue frio, recuperará logo o seu e pensará estar curada quando não mais sentir a dor. É nessa idade que se têm as primeiras lições de coragem e que, experimentando sem pavor do-tes ligeiras, se aprende gradualmente a suportar as grandes.

Longe de atentar demasiado para que Emílio não se machuque, me aborreceria que não se machucasse nunca e crescesse sem conhecer a dor. Sofrer é a primeira coisa que deve aprender e a que terá mais necessidade de saber. É de crer que as crianças são pequenas e frágeis para receberem essas importantes lições sem perigo. Se a criança cair naturalmente, não quebrará a perna; se se chocar contra um pedaço de pau não quebrará o braço; se se apossar de um ferro aguçado não se cortará muito fundamentalmente. Nunca soube de alguém ter visto uma criança em liberdade se matar, se estropiar, nem se machucar demasiado, a menos que a tenham absurdamente colocado em lugar elevado, ou sòzinha perto do fogo, ou deixado instrumentos perigosos a seu alcance. Que dizer dêsse amontoado de coisas que reúnem ao redor da criança para defendê-la contra a dor, até que, já crescida, continue à mercê dèles, sem coragem e sem experiência, que se acredite morrer à primeira picada e desmaie vendo sua primeira gôta de sangue?

Nossa mania pedante de educar é sempre a de ensinar às crianças o que aprenderiam muito melhor sòzinhas e esquecer o que somente nós lhes poderíamos ensinar. Haverá coisa mais tóla do que o cuidado que tomamos para ensinar-lhes a andar, como se tivéssemos visto alguém que, por negligência de sua ama, não soubesse andar quando grande? E, ao contrário, quanta gente vemos andando mal porque lhe ensinaram mal a andar?

Emílio não terá nem barretinhos protetores, nem carrinhos, nem andadeiras; logo que souber pôr um pé na frente do outro, só o sustentarão nos caminhos calçados e por êles só passarão às pressas¹. Ao invés de deixá-lo mofar no ar viciado de um

(1) Nada mais ridículo e menos seguro que o andar das pessoas conduzidas com andadeiras em pequenas; trata-se de mais uma dessas observações triviais à força de serem certas e que são certas em mais de um sentido.

quarto, levá-lo-ão diariamente a um Prado. Que aí corra, se debata, caia em vezes por dia: tanto melhor. Aprenderá mais cedo a levantar-se. O bem-estar da liberdade compensa muitas machucaduras. Meu aluno terá muitas contusões, em com-
pensação estará sempre alegre. Se os vossos tiverem menos, sempre mostrar-se-ão sempre contrariados, sempre acorrentados, sempre tristes. Duvido que o proveito esteja do lado d'elles.

Outro progresso torna as queixas da criança menos necessárias: o de suas forças. Podendo mais por si mesmas sentem necessidade menor de recorrer a outrem. Com sua força desenvolve-se o conhecimento que as põe em estado de dirigi-la. E nesse segundo período que começa propriamente a vida do indivíduo; é então que a criança toma consciência de si mesma. A memória projeta o sentimento de sua identidade em todos os momentos de sua existência; ela torna-se verdadeiramente uma, e mesma, e por conseguinte já capaz de felicidade ou de miséria. Importa portanto começar a considerá-la um ser moral.

Conquanto se aponte, mais ou menos, o mais longo termo da vida humana e as probabilidades de aproximar-se d'esse termo a cada idade, nada é mais incerto do que a duração da vida de cada homem em particular; muito poucos chegam ao mais longo termo. Os maiores riscos da vida estão em seu início; menos se viveu, menos se deve esperar viver. Metade quando muito das crianças que nascem chega à adolescência; e é provável que vosso aluno não chegue à idade de homem.

Que pensar então dessa educação bárbara que sacrifica o presente a um futuro incerto, que cumula a criança de cadeias de toda espécie e começa por torná-la miserável a fim de prepará-lo, ao longe, não sei que pretensa felicidade de que provavelmente não gozará nunca? Ainda que supusesse essa educação razoável em seu objetivo, como ver sem indignação pobres desgraçados condenados a trabalhos continuos, como forçados, sem ter certeza de que tantos cuidados lhes serão úteis algum dia! A idade da alegria passa em meio aos choros, aos castigos, às ameaças, à escravidão. Atormenta-se o infeliz para seu bem; e não se vê a morte que se chama e que vai alcançá-lo em meio a essas tristes precauções. Quem sabe quantas crianças morrem vítimas da extravagante sabedoria de um pai ou de um mestre? Felizes por escaparem à crueldade d'estes, a única vantagem que tiram dos males a elas impostos é a de morrerem sem saude da vida, da qual só conheceram os tormentos.

Homens, sejais humanos, é vosso primeiro dever; e o se-
jais em relação a todas as situações sociais, a todas as idades, a tudo o que não seja estranho ao homem. Que sabedoria haverá para vós fora da humanidade? Amai a infância: favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não se sentiu saudoso, às vezes, dessa idade em que o riso está sempre nos lábios e a alma sempre em paz? Por que arrancar d'esses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que lhes escapa, de um bem tão precioso de que não podem abusar? Por que encher de amarguras e de dores esses primeiros anos tão rápidos, que não voltarão nem para vós nem para elles? Pais, sabeis a que momento a morte espera vossos abusar? Por que encher de amarguras e de dores esses primeiros que a natureza lhes dá; desde o momento em que possam sentir o prazer de serem, fazei com que dêle gozem; fazei com que, a qualquer hora que Deus as chame, não morram sem ter gozado a vida.

Quantas vezes se vão erguer contra mim! Ouço de longe os clamores dessa falsa sabedoria que nos bota incessantemente fora de nós, menospreza sempre o presente e que, visando sempre a um futuro que de nós se afasta na medida em que avançamos, à força de nos transportar para onde não estamos nos transporta para onde nunca estaremos.

É, respondereis-nos, o momento de corrigir as más inclinações do homem; é na infância, quando as penas são menos sensíveis, que é preciso multiplicá-las, a fim de poupá-las na idade da razão. Mas quem vos diz que todo esse arranjo esta a vossa disposição e que todas essas belas instruções com que encheis o fraco espírito de uma criança, não lhe serão um dia mais perniciosas do que úteis? Quem vos assegura que lhe poupareis alguma coisa com as amarguras que lhe prodigalizaes? Porque lhe dais maiores dissabores do que comporta seu estado, sem terdes a certeza de que esses males presentes aliviarão o futuro? E como me provareis que essas más tendências de que a pretendeis curar não lhe vêm de vossos cuidados mal entendidos, muito mais que da natureza? Infeliz providência que faz um ser desgraçado no momento, na esperança de torná-lo feliz um dia! Se tais racionadores vulgares confundem a licença com a liberdade, e a criança que fazemos feliz com a criança que estragamos, ensinemo-los a distingui-los.

Para não correr atrás de quimeras, não esqueçamos o que convém a nossa condição. A humanidade tem seu lugar na or-

dem das coisas; a infância tem o seu na ordem da vida humana; é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Assim a cada um seu lugar e nêle fixá-lo, ordenar as paixões humanas segundo a constituição do homem é tudo o que podemos fazer para seu bem-estar. O resto depende de causas estranhas a nós e que não estão em nosso poder.

Não sabemos o que seja felicidade ou desgraça absolutas. Tudo se mistura nesta vida; nela não se aprecia nenhum sentimento puro, não se fica dois momentos no mesmo estado. As afeições de nossas almas bem como as modificações de nossos corpos são comuns a todos, mas em diferentes medidas. O mais feliz é aquêle que sofre menos penas; o mais miserável o que sente menos prazeres. Sempre mais sofrimentos do que gozos: eis a diferença comum a todos. A felicidade do homem nesta terra não passa portanto de um estado negativo; deve-se medi-la pela menor quantidade de males que êle sofre.

Todo sentimento de pena é inseparável do desejo de dela se libertar; tôda idéia de prazer é insuperável do desejo de gozá-lo; todo desejo supõe privação e tôdas as privações são penas. Está portanto na desproporção entre nossos desejos e nossas faculdades aquilo em que consiste nossa miséria. Um ser sensível, cujas faculdades iguallassem os desejos, seria um ser absolutamente feliz.

Em que consiste a sabedoria humana ou o caminho da felicidade verdadeira? Não consiste precisamente em diminuir nossos desejos, pois se se encontrassem abaixo de nossas forças, parte de nossas faculdades permaneceria ociosa e não gozariamos de todo o nosso ser. Nem consiste tampouco em ampliar nossas faculdades, pois, se estas se ampliassem nas mesmas proporções, mais miseráveis ainda seríamos. Ela consiste, certo, em diminuir o excesso dos desejos sobre as faculdades e pôr em perfeita igualdade o poder e a vontade. É somente então que, estando tôdas as forças em ação, a alma permanece contentado serena e que o homem se acha bem ordenado.

Assim é que a natureza, que tudo faz da melhor maneira, o institui inicialmente. Ela só lhe dá de imediato os desejos necessários a sua conservação e as faculdades suficientes para os satisfazer. Ela põe tôdas as outras como que em reserva no fundo de sua alma para se desenvolverem aí se preciso. É somente em um estado primitivo que o equilíbrio do poder e do desejo se encontra e que o homem não é infeliz. Logo que suas faculdades virtuais se põem em ação, a imaginação a mais

ativa de tôdas, desperta e se coloca à frente delas. É a imaginação que nos apresenta a medida das possibilidades, no bem como no mal, e que por conseguinte excita e alimenta os desejos pela esperança de satisfazê-los. Mas o objeto que parecia de início, ao alcance da mão, foge mais depressa do que se podemos perseguir: quando imaginamos poder atingi-lo, êle se transforma e se mostra ao longe diante de nós. Não vendo mais o espaço percorrido, não lhe damos nenhum valor; o que resta a percorrer aumenta, estende-se sem cessar. Assim nos esgotamos sem chegar ao fim, e quanto mais ganhamos sobre o gozo, mais a felicidade se afasta de nós.

Ao contrário, quanto mais o homem permanece perto de sua condição natural, mais a diferença de suas faculdades com seus desejos se faz pequena e menos, por conseguinte, êle se acha longe de ser feliz. Êle não é nunca menos miserável do que quando parece desprovido de tudo; pois a miséria não consiste na privação das coisas e sim na necessidade que delas se faz sentir.

O mundo real tem seus limites: o mundo imaginário é infinito. Não podendo alargar um, restringimos o outro, pois e de sua diferença que nascem tôdas as penas que nos tornam realmente desgraçados. Tirai a força, a saúde, o bom temperamento de si, todos os bens desta vida se encontram na opinião; tirai as dores do corpo e os remorsos da consciência, todos os nossos males são imaginários. Tal princípio é comum, dirão; concordo; mas sua aplicação prática não é comum e é unicamente da prática que se trata aqui.

Quando se diz que o homem é fraco, que se quer dizer? Essa palavra fraqueza indica uma relação, uma relação do ser a que é aplicada. Aquêle cuja força ultrapassa as necessidades, inseto ou verme, é um ser forte; aquêle cujas necessidades ultrapassam a força, elefante ou leão, conquistador ou herói — ou um deus — é um ser fraco. O anjo rebelde que menosprezou sua natureza era mais fraco do que o feliz mortal do se contenta com ser o que é; o homem é muito forte quando erguer-se acima da humanidade. Não ides imaginar porém que, ampliando vossas faculdades ampliais vossas forças; vós as diminuis, ao contrário, se vosso orgulho aumenta mais do que elas. Meçamos portanto o raio de nossa esfera e fiquemos no centro como o inseto no meio de sua teia; sempre nos bastaremos a nós mesmos e não teremos que nos queixar de nossa fraqueza, porquanto não a sentiremos nunca.

homem lépido, alegre, vigoroso, saudável; sua presença inspira alegria; seus olhos proclamam contentamento, bem-estar; êle carrega consigo a imagem da felicidade. Chega uma carta do correio; o homem feliz olha-a, está endereçada a êle, êle abre-a e a lê. No mesmo instante sua fisionomia muda; êle empalidece, desmaia. Voltando a si, chora, agita-se, geme, arranha os cabelos, faz o céu tremer com seus gritos, parece tomado de tremendas convulsões. Insensato! Que mal te fêz êsse pedaço de papel? que membro te arrancou? que crime te levou a cometer? que mudou êle em ti para te pôr no estado em que te vejo?

Se a carta se tivesse perdido, se uma mão caridosa a houvesse jogado no fogo, a sorte desse mortal, feliz e desgraçado a um tempo teria sido, ao que me parece, um estranho problema. Sua desgraça, direis, era real. Certo, mas êle não a sentia. Onde estava êle então? Sua felicidade era imaginária. Entendo; a saúde, a alegria, o bem-estar, a satisfação de espírito, não passam agora de visões. Não existimos mais onde nos encontramos, só existimos onde não estamos. Valerá a pena ter tão grande medo da morte se aquilo em que vivemos permanece?

O homem! encerra tua existência dentro de ti e não serás mais miserável. Fica no lugar que a natureza te designa na cadeia dos seres, nada poderá arrancar-te dêle; não te revoltes contra a dura lei da necessidade e não esgotes, querendo resistir-lhe, forças que o céu não te deu para prolongar tua existência e sim, tão somente, para conservá-la como lhe agrada e enquanto lhe agrada. Tua liberdade, teu poder só vão tão longe quanto tuas forças naturais, e não além; tudo mais não passa de escravidão, ilusão, prestígio. A própria dominação é servil, quando se apegas à opinião, pois dependes dos preconceitos daqueles que governas pelos preconceitos. Para guiá-los como te agrada é preciso que te conduzas como lhes agrada. Que mudem de maneira de pensar e terás forçosamente que mudar de maneira de agir. Basta que os que estão perto de ti saibam orientar as opiniões do povo que pensas governar, ou dos favoritos que te governam, ou as de tua família, ou as tuas próprias: êsses vizires, êsses cortesãos, êsses padres, êsses soldados, êsses lacaios, êsses palhaços e até crianças, ainda que sejas um Temístocles de gênio³ vão te conduzir como um prí-

(3) Este menino que vêdes aí, dizia Temístocles a seus amigos, eu é o árbitro da Grécia. Ele governa a mãe, a mãe me governa, eu

ralho no meio de tuas legiões. Por mais que faças, nunca tua autoridade real irá além de tuas faculdades reais. Desde que seja preciso ver pelos olhos dos outros será preciso querer pelas vontades dêles. Meus povos são meus súditos, dizes altamente. Admito-o. Mas quem és tu? o súdito de teus ministros. E que são teus ministros por sua vez? os súditos de seus funcionários, de suas amantes, os lacaios de seus lacaios. Tomai conta de tudo, usurpai tudo, derramai dinheiro a mancheias; erguei baterias de canhões; levantai forças e cruces; promulgai leis; multiplicai os espíões, os soldados, os carrascos, as prisões, as algemas: pobres homenzinhos, de que vos serve isso? Não sereis mais bem servidos, nem menos roubados, nem menos enganados, nem mais absolutos. Direis sempre: queremos, e fareis sempre o que quiserem os outros.

O único indivíduo que faz o que quer é aquêle que não tem necessidade, para fazê-lo, de pôr os braços de outro na ponta dos seus; do que se depreende que o maior de todos os bens não é a autoridade e sim a liberdade. O homem realmente livre só quer o que pode e faz o que lhe apraz. Eis minha máxima fundamental. Trata-se apenas de applicá-la à infância, e todas as regras da educação vão dela decorrer.

A sociedade fêz o homem mais fraco, não somente lhe tirando o direito que tinha sobre suas próprias forças, como também as tornando insuficientes. Eis porque seus desejos se multiplicam com sua fraqueza e eis o que faz a fraqueza da infância, comparada com a idade do homem. Se o homem é um ser forte e a criança um ser fraco, não é porque o primeiro tenha mais força absoluta que o segundo, mas é porque o primeiro pode naturalmente bastar-se a si mesmo e o outro não. O homem deve portanto ter mais vontades e a criança mais fantasias, palavra com que quero dizer todos os desejos que não são necessidades reais, que só podemos contentar com o auxilio de outrem.

Disse da razão desse estado de fraqueza. A natureza a isso remedeia pelo apêgo dos pais e das mães; mas êsse apêgo pode ter exageros, defeitos, abusos. Pais que vivem na sociedade, para ela transportam o filho antes do tempo. Dando-lhe maiores necessidades do que êle tem, não aliviam sua fraqueza,

governo os atenienses, e os atenienses governam os gregos. Quantos pequenos condutores encontraríamos muitas vezes nos maiores imperios, se do príncipe decéssemos por degraus até a última mão que, em segrêdo, põe tudo em movimento!

Aumentam-na ainda exigindo d'êlo o que antes a aumentam. Aumentando às suas vontades o pouco de a natureza não exigia, submetendo às próprias, mudando de um forças que êle tem para atender às próprias, mudando de um jeito ou de outro, em escravidão a dependência reciproca em que o coloca a fraqueza d'êle e em que o mantêm seu apêgo. O homem avisado sabe manter-se em seu lugar; mas a criança, que não conhece o dela, nêle não pode manter-se. Ela tem, entre nós, mil soluções para sair d'êle; cabe aos que a go- vernam mantê-la em seu lugar e a tarefa não é fácil. Ela não deve ser nem animal nem homem e sim criança mesmo; é preciso que sinta sua fraqueza e não que com ela sofra; é preciso que peça e não que mande. Só se acha submetida aos outros por causa de suas necessidades e porque os outros vêem melhor do que ela o que lhe é útil, o que pode favorecer ou prejudicar sua conservação. Ninguém tem o direito, nem mesmo o pai, de mandar a criança fazer algo que não lhe seja útil.

Antes que os preconceitos e as instituições humanas alterem nossas tendências naturais, a felicidade das crianças, bem como a dos homens, consiste no emprêgo de sua liberdade; mas essa liberdade, nas primeiras, é limitada pela sua fraqueza. Quem quer que faça o que deseja é feliz, se se bastar a si mesmo; é o caso do homem vivendo em seu estado natural. Quem quer que faça o que deseja não será feliz se suas necessidades ultrapassarem suas forças: é o caso da criança no mesmo estado. As crianças não gozam, mesmo em seu estado natural, senão de uma liberdade imperfeita, semelhante a de que gozam os homens na sociedade. Não podendo prescindir dos outros, todos nós nos tornamos, dêsse ponto de vista, fracos e miseráveis. Éramos feitos para sermos homens; as leis e a sociedade nos mergulharam novamente na infância. Os ricos, os grandes, os reis são todos crianças que, vendo que se desvelam em aliviar sua miséria, tiram disso uma vaidade pueril e ficam muito orgulhosos com os cuidados que não teriam com êles, se fôsem adultos.

Tais considerações são importantes e servem para resolver tôdas as contradicções do sistema social. Há duas espécies de dependência: a das coisas, que é da natureza; a dos homens que é da sociedade. A dependência das coisas, não tendo nenhuma moralidade, não é nociva à liberdade e não engendra vícios; a dos homens, sendo desordenada, os engendra todos ⁴. E é

(4) Em meus "Princípios do Direito Político" está demonstrado que nenhuma vontade particular pode ordenar-se no sistema social.

por ela que senhores e escravos se depravam mutuamente. Se há meio de remediar a êsse mal na sociedade, é substituir a lei ao homem e armar as vontades gerais com uma força real, superior à ação de qualquer vontade particular. Se as leis das nações pudessem ter, como as da natureza, uma inflexibilidade que nunca nenhuma força humana pudesse vencer, a dependência dos homens voltaria a ser a das coisas; reunir-se-iam na república tôdas as vantagens do estado natural às do estado social; juntar-se-ia a liberdade, que mantêm o homem isento de vícios, à moralidade que o eleva à virtude.

Conservai a criança tão-sòmente na dependência das coisas; tereis seguido a ordem da natureza nos progressos de sua educação. Não ofereçais jamais a suas vontades indiscretas senão obstáculos físicos ou castigos que nasçam das próprias ações e de que ela se lembre oportunamente. Sem proibi-la errar, basta que se a impeça de fazê-lo. Só a experiência e a impotência devem ser para ela leis. Não façais nenhuma concessão a seus desejos porque ela o pede e sim quando tiver necessidade disso. Que ela não saiba o que é obediência quando age, nem o que é domínio quando por ela agem. Que, sinta igualmente sua liberdade nas ações dela e nas vossas. Supri a força que lhe falta, precisamente na medida em que dela se mostra necessitada para ser livre e não autoritária; que, recebendo vossos serviços com uma espécie de humilhação, ela aspire ao momento em que possa dispensá-los e em que terá de se servir sòzinha.

A natureza tem, para fortalecer o corpo e fazê-lo crescer, meios que nunca devemos contrariar. Cumpre não obrigar uma criança a ficar parada quando quer andar, nem a andar quando quer ficar parada. Quando a vontade da criança não é viciada por nossa culpa, ela não quer nada inútilmente. É preciso que pule, que corra, que grite quando tem vontade. Todos os seus movimentos são necessidades de sua constituição que busca fortalecer-se; mas devemos desconfiar do que deseja sem o poder fazer, ela própria e que outros são obrigados a fazerem por ela. É preciso então distinguir com cuidado a necessidade verdadeira da necessidade de fantasia que começa a nascer, ou daquela que só vem da superabundância de vida de que falei.

Já disse o que se deve fazer quando uma criança chora para ter isto ou aquilo. Acrescentarei sòmente que logo que pode pedir, falando, o que deseja e que, para o obter mais depressa ou para vencer uma recusa ela apóia seu pedido no chôro, cabe recusar-lhe a coisa irrevogavelmente. Se a necessidade a faz

Feliz? É um déspota, a um tempo o mais vil dos escravos e a mais miserável das criaturas.

Ví crianças educadas a casa com um empurrão, neira que queriam que se derrubasse a casa com um empurrão, que se lhes desse o galo do campanário, que se detivesse um regimento em marcha para ouvirem mais demoradamente os tambores e que berravam alucinadamente, sem ouvirem nin-guém, desde que não fôsem de immediato obedecidas. Todo mundo diligenciava em vão para agradar-lhes, irritando-se seus desejos com a facilidade de conseguir, obstinavam-se nas coisas impossíveis e não encontravam ao redor delas senão contradições, obstáculos, sofrimentos e dores. Sempre resmungando, sempre teimando, sempre furiosas, passavam os dias gritando e se queixando. Eram crianças muito felizes? A fraqueza e o desejo de dominar reunidos só engendram loucura e miséria. De duas crianças assim mimadas, uma bate na mesa e a outra quer chicotear o mar; muito terão que bater e chicotear antes de viverem satisfeitas.

Se essas idéias de domínio e tirania as tornam desgraçadas desde a infância, que ocorrerá quando crescerem e que suas relações com os outros homens começarem a estender-se e multiplicar-se? Acostumadas a verem tudo dobrar-se diante de sua vontade, que surpresa não terão ao entrarem na sociedade e sentirem que tudo lhes resiste, e se acharem esmagadas pelo péso de um universo que pensavam movimentar à vontade!

Suas atitudes insolentes, sua vaidade pueril, só lhes outorgam mortificações, desprezos, zombarias; bebem as afrontas como água; experiências cruéis logo lhes ensinam que não conhecem nem sua condição social nem suas forças; não podendo tudo, acreditam nada poderem. Tantos obstáculos imprevisíveis as desanimam, tanto desprezo as avilta: tornam-se covardes, tímidas, rastejantes e tanto mais baixo caem de si mesmas quanto mais alto se tinham erguido.

Voltemos à regra primitiva. A natureza fez as crianças para serem amadas e socorridas; fê-las porventura para serem obedecidas e temidas? Deu-lhes ela um ar imponente, um olhar severo, uma voz rude e ameaçadora para serem terrificantes? Compreendo que o rugido de um leão apavore os animais e que tremam ao verem sua juba terrível. Mas se algum dia se viu um espetáculo indecente, odioso, risível, é um corpo de magistrados com o chefe à testa, em traje de gala, prostrado diante de uma criança enfaixada, com quem fala em termos pomposos e que grita e baba como resposta.

Considerando-se a infância em si mesma, haverá no mundo um ser mais frágil, mais miserável, mais à mercê de tudo que a cerca, que tenha mais necessidade de piedade, de cuidados, de proteção, que uma criança? Não é de se crer que só mostra tão doce fisionomia, tão comovente maneira de ser a fim de que tudo que dela se aproxime se interesse por sua fraqueza e se apresse em socorrê-la? Que haverá portanto de mais chocante, de mais contrário à ordem, que ver uma criança dominadora e enfezada mandar em tudo que a cerca e adotar impunemente o tom de senhor com quem, em a abandonando, a faria perecer?

Por outro lado, quem não vê que a fraqueza da primeira infância acorrenta a criança de tantas maneiras, que é bárbaro acrescentar a tal sujeição a de nossos caprichos, arrancando-lhe uma liberdade tão limitada de que tão pouco pode abusar e que é tão pouco útil a nós, como a ela, a privarmos? Se não há objecto tão digno de escárnio quanto uma criança altiva, não há de que com a idade da razão começa a servidão civil, porque a ela antepor a servidão privada? Consintamos em que um momento da vida seja isento desse jugo que a natureza não nos impôs e deixemos à infância o exercício da liberdade natural, que a afasta, ao menos por algum tempo, dos vícios que se contraem com a escravidão. Que esses institutores severos, que esses pais escravizados a seus filhos venham portanto com suas objeções frívolas, e que antes de se vangloriarem de seus métodos, aprendam de uma vez os da natureza.

Volto à prática. Já disse que vosso filho nada deve obter porque o pede e sim porque precisa. Nada fazer por obediência e sim por necessidade. Dêsse modo as palavras obedecer e mandar serão proscritas de seu dicionário e mais ainda as de dever e de obrigação; mas as de força, de necessidade, de importância e de constrangimento nêle devem figurar. Antes da idade da razão não se pode ter nenhuma idéia dos seres morais

(5) Deve-se sentir que, como o esforço penoso é muitas vezes uma necessidade, o prazer é não raro igualmente uma necessidade. Não há portanto senão um só desejo das crianças que nunca devemos satisfazer: o de se fazerem obedecer. Do que se depreende que em tudo o que pedem, é sobretudo ao motivo que as leva a pedir que devemos prestar atenção. Dai-lhes, na medida do possível, tudo o que lhes possa proporcionar um prazer real; recusai-lhes sempre o que só pedem por fantasia ou para manifestar um gesto de autoridade.

O MESTRE
 O que te proibem.
 A CRIANÇA
 Que mal há em fazer o que me proibem?
 O MESTRE
 Castigam-te por ter desobedecido.
 A CRIANÇA
 Farei de maneira a que não saibam.
 O MESTRE
 Te espiarão.
 A CRIANÇA
 Eu me esconderei.
 O MESTRE
 Te interrogarão.
 A CRIANÇA
 Eu mentirei.
 O MESTRE
 Não se deve mentir.
 A CRIANÇA
 Por que não se deve mentir?
 O MESTRE
 Porque é feio etc....

Eis o círculo vicioso. Tirai dêle a criança e ela não vos entenderá mais. Não se trata de instruções muito úteis? Gostaria de saber o que se poderia botar no lugar dêste diálogo. O próprio Locke por certo se teria sentido bastante embaraçado. Conhecer o bem e o mal, sentir as razões dos deveres do homem não é da alçada de uma criança.

A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de ser homens. Se quisermos perturbar essa ordem, produziremos frutos precoces, que não terão maturação nem sabor e não tardarão em corromper-se; teremos jovens doutôres e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir que lhe são próprias: nada menos sensato do que querer substituí-las pelas nossas; e seria o mesmo exigir que uma criança tivesse cinco pés de altura do que juízo aos dez anos. Com efeito, que lhe adiantaria ter razão nessa idade? Ela é o freio da força, e a criança não tem necessidade dêsse freio.

nem das relações sociais; é preciso portanto evitar empregar, na medida do possível, palavras que os exprimam, de modo que a criança atribua a tais palavras, falsas idéias que não sabe remos ou não poderemos mais destruir. A primeira falsa idéa que entra em sua cabeça é germe do erro e do vício; a êsse primeiro passo é que cabe, principalmente, prestar atenção. Fazei com que, enquanto se impressionam nas sensações. Fazei com que, de tôdas as maneiras ela só perceba em derredor seu, que de tôdas as maneiras ter certeza de que não vos o mundo físico; sem o que, podeis ter de que lhes faleis, noções ouvirá, ou terá do mundo moral, de que lhes faleis, noções fantasiosas que não tirareis de sua vida.

Raciocar com as crianças era a grande máxima de Locke; é a que está mais em voga hoje; seu êxito não me parece entretanto muito de molde a justificar-lhe o crédito. Quanto a mim, nada vejo mais tolo do que essas crianças com as quais tanto se raciocinou. De tôdas as faculdades do homem, a razão, que não é, por assim dizer, senão um composto de tôdas as outras, é a que se desenvolve mais difficilmente e mais tarde. E é dessa que se querem servir para desenvolver as primeiras! A obra-prima de uma boa educação está em fazer um homem razoável, e pretende-se educar uma criança pela razão! É comecar pelo fim, é querer fazer o instrumento de ser educado: mas falando-lhe, desde a primeira infância, uma língua que não entende, acostumam-na a jogar com palavras, a controlar tudo que lhe dizem, a se acreditar tão sábia quanto seu mestre, a se tornar discutidora e enfezada; e tudo o que imaginam obter dela pela razão, só obtêm pela cobiça, pelo temor, ou pela vaidade que se é sempre obrigado a acrescentar.

Eis a fórmula a que se podem reduzir, mais ou menos, tôdas as lições de moral suscetíveis de serem dadas às crianças.

O MESTRE
 Não se deve fazer isto.
 A CRIANÇA
 E por que não se deve fazer isto?
 O MESTRE
 Porque está errado.
 A CRIANÇA
 Errado? Que é que é errado?

Tentando persuadir vossos alunos do dever da obediência, juntaes a essa pretensa persuasão a força e as ameaças, ou, o que é pior, as lisonjas e as promessas. Assim, atraídos pelo interesse ou constrangidos pela força, elles fingem estar convencidos pela razão. Vêem muito bem que a obediência lhes é vantajosa e a rebeldia nociva, logo que percebeis uma ou outra. Mas como só exigis d'elles o que é desagradável, e que é sempre penoso fazer as vontades de outrem, elles se escondem para fazerem as d'elles, persuadidos a convirem em que fazem sua desobediência, mas dispostos a mal maior. A razão do dever sendo descobertos, de medo de mal maior. A razão do dever não sendo de sua idade, não há homem no mundo capaz de lhes torná-la sensível; mas o receio do castigo, a esperança do perdão, a inoportunidade, o embaraço em responder arrancam-lhes todas as declarações que se lhes exigem; acredita-se então tê-los convencido, quando tão-sòmente se aborreceram ou se intimidaram.

Que decorre disso? Primeiramente que, impondo-lhes um dever que não sentem, vós os indisponeis contra vossa tirania; vós os impedis de vos amarem. Decorre que vós lhes ensinai a se tornarem dissimulados, falsos, mentirosos, a fim de extorquirem recompensas ou fugirem aos castigos; e, ainda, que, acostumando-os a cobrirem com um motivo aparente um motivo secreto, vós lhes dais, vós mesmos, o meio de vos enganarem sem cessar, de vos tirarem o conhecimento de seus caracteres verdadeiros, de vos iludirem com palavras vãs, quando preciso. As leis, direis, embora obrigatórias para a consciência, empregam igualmente a coerção contra os adultos. De acôrdo. Mas que são esses homens senão crianças estragadas pela educação? Eis precisamente o que é preciso evitar. Empregai a força com as crianças e a razão com os homens; essa a ordem natural. O sábio não precisa de leis.

Tratai vosso aluno segundo a idade. Colocai-o antes de tudo em seu lugar e que neste o conserveis de modo a que não possa sair d'ele. Então, antes de saber o que seja sabedoria, já porá em prática a mais importante lição dela. Não lhe ordeis nunca nada, absolutamente nada. Não lhe deixeis sequer imaginar que pretendeis ter alguma autoridade sobre elle. Que elle saiba apenas que é fraco e que sois forte; que, em virtude de sua posição e da vossa, elle se acha necessariamente à vossa mercê; que elle o saiba, que o aprenda, que o sinta; que desde cedo sobre sua cabeça altiva o jugo que a natureza impõe ao homem, o pesado jugo da necessidade, ao qual deve dobrar-

se todo ser feito; que veja essa necessidade nas coisas, nunca no capricho dos homens; que o freio que o segure seja a força e não a autoridade. Não lhe proibais nada do que deve abster-se; impedi-lo de fazê-lo, sem explicações, sem argumentação; o que lhe concedeis, concedei-o a seu primeiro pedido, sem solicitações, sem súplicas, sem condições, mas que todas dei-o com prazer, só recusai com repugnância; que nenhuma importunidade vos abale; que o não seja um muro de bronze, contra o qual a criança não terá precisado esgotar cinco ou seis vèzes suas forças, que não tentará derrubar.

Assim é que tornareis vosso aluno paciente, igual, resignado, sereno, mesmo quando não tiver o que quer. Está na natureza do homem suportar com paciência a necessidade das coisas, mas não a má vontade de outrem. A expressão: *não tem mais* é uma resposta contra a qual nunca uma criança se rebelou, a menos que acreditasse ser uma mentira. De resto não há aqui meio termo; ou cumpre nada exigir d'ela ou forçá-la a mais perfeita obediência. A pior das educações consiste em não deixá-la flutuar entre suas vontades e as vossas, em não vos disputardes sem cessar para saberdes quem será o senhor; preferiria em vèzes que ela o fôsse sempre.

É muito estranho que, desde que se trata de educar crianças, não se tenha imaginado outro instrumento para guiá-las senão o da emulação, do ciúme, da inveja, da vaidade, da avidez, do temor vil, o de todas as paixões mais perigosas, mais rapidamente fermentáveis, mais próprias a corromperem a alma, já antes do corpo se achar formado. A cada instrução precoce que se quer fazer entrar na cabeça delas, planta-se um vício no fundo de seus corações. Institutores insensatos pensam realizar maravilhas tornando-as más para ensinar-lhes o que seja bondade; e depois nos dizem gravemente: assim é o homem. Sim, assim é o homem que fizestes.

Experimentaram todos os instrumentos, menos um, o único precisamente que pode dar resultado: a liberdade bem regada. Ninguém deve meter-se a educar uma criança se não souber conduzi-la para onde quiser através das únicas leis do

(6) Deve-se ter a certeza de que a criança encarará como um capricho toda vontade contrária à sua e cuja razão de ser não sentirá. Ora, uma criança não sente a razão de nada em tudo que choca suas fantasias.

possível e do impossível. A esfera de uma coisa e de outra sendo-lhe desconhecida, pode-se estendê-la ou restringi-la ao redor do-lhe de maneira, empurrá-la, segurá-la tão do-lhe como se quer. Pode-se amarri-la, sem que ela proteste; pode-se torná-la acomodática e dócil unicamente por força das coisas, sem que nenhum vício tenha jamais a oportunidade de germinar nela. Porque as paixões se animam, em sendo de nenhum efeito.

Não deis a vosso aluno nenhuma espécie de lição verbal; só da experiência ele as deve receber; não lhe infligais nenhuma espécie de castigo, pois ele não sabe o que seja cometer uma falta; não lhe façais nunca pedir perdão, porquanto não pode ofendê-los. Desprovido de qualquer moralidade em suas ações, nada pode ele fazer que seja moralmente mal e que mereça castigo ou admoestação.

Já vejo o leitor assustado com julgar essa criança pelas nossas: engana-se. O constrangimento perpétuo em que convulsos vais vossos alunos irrita sua vivacidade; quanto mais comedidos perante vós, mais serão turbulentos quando escaparem; cumpre que se compensem quando puderem da dura opressão em que os tendes. Dois escolares da cidade farão mais estrepolias numa região que a meninada de toda a aldeia. Encerrai um burguesinho e uma camponesinha num quarto; o primeiro terá tudo derrubado e rebentado antes que o segundo tenha mexido. Por que isso, senão porque um terá pressa em abusar de um momento de licença enquanto o outro, sempre seguro de sua liberdade, nunca se apressará em usar dela. Contudo os filhos dos aldeões, amíde lisonjeados ou contrariados, ainda se acham longe do estado em que desejo que os mantenham.

Ponhamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza são sempre retos: não existe perversidade original no coração humano; não se encontra neste nenhum só vício que não se possa dizer como e por onde entrou. A única paixão natural no homem é o amor de si mesmo, ou o amor-próprio tomado num sentido amplo. Esse amor-próprio em si, ou relativamente a nós, é bom e útil; e como não tem relação necessária com outrem, é, deste ponto de vista, naturalmente indiferente; só se torna bom ou mau pelas aplicações que dele se fazem ou pelas relações que se lhe dão. Até que o guia do amor próprio, que é a razão, possa nascer, importa portanto que uma criança não faça nada porque é vista ou ouvida, nada em suma em relação aos outros mas tão-somente o que a natureza dela exige; e então ela só fará o bem.

Não quero dizer com isto que nunca faça estragos, que não se machuque, que nunca quebre um móvel de preço, ao seu alcance. Ela poderá fazer muito estrago sem fazer mal, porque a má ação depende da intenção de prejudicar e ela nunca terá tal intenção. Se a tivesse uma só vez, tudo estaria perdido; seria má quase sem solução.

Tal ou qual coisa é má aos olhos da avareza que não o é aos olhos da razão. Deixando as crianças em plena liberdade de exercer sua travessura, convém afastar delas tudo o que possa torná-la dispendiosa e não deixar ao seu alcance nada frágil ou precioso. Que sua sala de estar seja guarnecida de móveis grosseiros e sólidos; nada de espelhos, de porcelanas, de objetos de luxo. Quanto a meu Emílio, eu o crio no campo e seu quarto nada terá que o distinga do de um camponês. Para que enfeitá-lo com tanto cuidado se nêle a criança deve ficar tão pouco? Mas eu me engano: ela o decorará sozinho e veremos logo com quê.

Se apesar de vossas precauções a criança chegar a fazer alguma desordem, a quebrar alguma peça útil, não a castiguéis por vossa negligência, não ralheis com ela; que ela não ouça uma só palavra de censura; não a deixeis sequer perceber que vos aborreceu; agi exatamente como se o móvel se tivesse quebrado sozinho; tereis feito muito, crêde, se puderdes não dizer nada.

Ousarei expor aqui a maior, a mais importante, a regra mais útil de toda educação? Não está ela em ganhar tempo e sim em perder. Leitores vulgares, perdoai meus paradoxos; é preciso fazê-los quando se reflecte; prefiro ainda ser homem a paradoxos do que homem a preconceitos. O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai do nascimento à idade de doze anos. É o momento em que germinam os erros e os vícios, sem que se tenha, ainda, algum instrumento para destruí-los; quando o instrumento se apresenta afinal, as raízes são tão profundas que já se faz impossível arrancá-las. Se as crianças pulassem de repente do seio à idade de razão, a educação que se lhes dá poderia convir-lhes; mas, de acordo com o progresso natural, precisam de uma inteiramente contrária. Fôra necessário que nada fizessem de sua alma até que ela tivesse todas as suas faculdades; pois é impossível que ela perceba a tocha que lhe apresentais enquanto é cega, e que siga, na imensa planície das idéias, um caminho que a razão ainda traça tão de leve para os melhores olhos.

A educação primeira deve portanto ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro. Se pudésses conduzir vosso aluno são e robusto até a idade de doze anos, sem que elle soubesse distinguir sua mão direita de sua mão esquerda, logo ás vossas primeiras lições os olhos de seu entendimento se abririam para a razão. Sem preconceitos, sem hábitos, nada teria elle em si que pudesse contrariar o resultado de vossos cuidados. Logo elle se tornaria, em vossas mãos, o mais sensato dos homens; e começando por nada fazer, teríeis feito um prodigio de educação.

Fazei o contrario do uso e fareis quase sempre bem. Como não se quer fazer de uma criança uma criança e sim um doutor, pais e mestres nunca acham cedo demais para ralhár, corrigir, reprehender, lisonjear, ameaçar, prometer, instruir, apparel para a razão. Fazei melhor: sede sensato e não racioneis com vosso aluno, principalmente para fazerdes com que aprove o que lhe desagrada, pois meter sempre a razão nas coisas desagradáveis é tornar-lha aborrecida, é desacreditá-la desde cedo num espirito que ainda não está em estado de compreendê-la. Exercitai seu corpo, seus órgãos, seus sentidos, suas forças, mas deixai sua alma ociosa enquanto for possível. Temei todos os sentimentos anteriores ao julgamento que os aprecia. Detende, sustai as impressões estranhas e, para impedirdes que surja o mal, não vos apresseis em fazer o bem, porquanto este só o é quando a razão o illumina. Encarai tôdas as dilações como vantagens: é ganhar muito, caminhar para o fim sem nada perder; deixai a infancia amadurecer nas crianças. Alguma lição se faz necessaria? Evitai dar-lha desde logo, se puderdes adiá-la sem perigo.

Outra consideração que confirma a utilidade d'este método está no temperamento particular da criança, que é preciso conhecer bem para saber que regime moral lhe convém. Cada espirito tem sua forma própria segundo a qual precisa ser governado e o êxito depende de ser governado por essa forma e não por outra. Homem prudente, atentai longamente para a natureza, observai cuidadosamente vosso aluno antes de lhe dizerdes a primeira palavra; deixai antes de tudo que o germes de seu caráter se revele em plena liberdade, não exerceis nenhuma coação a fim de melhor vê-lo por inteiro. Ao contrario êsse periodo de liberdade seja perdido para elle? Ao contrario será o mais bem empregado, pois assim é que aprenderdes a não perder um só momento de tão preciosa fase. Ao passo que se

começardes a agir antes de saber como, agirdes ao acaso; expondovos a engano, seréis obrigado a voltar atrás; estareis mais afastado da meta do que se tivésseis tido menos pressa em atingir-la. Não façais portanto como o avaro que perde muito tempo que recuperareis com juros em idade mais avançada. Não querereis perder nada. Sacrificai na primeira vista, estudai o tempo que recebeis ás tontas à primeira vista, de preserver; o medico sábio não receita do doente antes de prescrever; meiramente o temperamento do doente antes de prescrever; meira a tratá-lo tarde mas o cura, enquanto o medico demasia do apressado o mata.

Mas onde poremos essa criança para educá-la assim como ser insensível, como um automato? Na lua, numa ilha deserta? Afastada de todos os humanos? Não terá ella continuamente no mundo o espectáculo e o exemplo das paixões alheias? Não verá nunca outras crianças de sua idade? Não verá seus pais, seus vizinhos, sua ama, sua governanta, seu criado, seu mestre mesmo que, afinal, não será um anjo?

Essa objeção é séria e sólida. Mas vos terei dito porventura que uma educação natural fôsse uma empresa fácil? O homem, será culpa minha se tornastes difficil tudo que é certo? Sinto tais difficuldades, confesso: talvez sejam insuperáveis, até certo ponto as prevenimos. Mostro a meta que é preciso atingir, não digo que se possa conseguí-lo; mas digo que quem dela mais se aproximar terá tido o maior êxito.

Lembraivos de que antes de ousar tentar fazer um homem, é preciso ter-se feito homem a si próprio. É preciso contar em si o exemplo a ser proposto. Enquanto a criança é falha de conhecimento, há tempo para preparar tudo que a cerca, de modo que só os objetos que convém que veja impressionem seu olhar. Tornai-vos respeitavel a todo mundo, começai fazendo-vos amar, a fim de que todos vos procurem agradar. Não seréis senhor da criança se não o fordes de tudo o que a cerca; e essa autoridade nunca será sufficiente se não assentar na estima da virtude. Não se trata de esvaziar os bolsos e distribuir dinheiros a mancheias; nunca vi o dinheiro fazer amar ninguém. Não se deve ser avaro e duro, nem condoer-se da miséria que se pode aliviar; entretanto, por mais que abraís vossos cofres, se não abirdes também vosso coração, o dos outros vos permanecerá sempre fechado. É vosso tempo, são vossos cuidados, vossas afeições, é vós mesmo que deveis dar. Pois o que quer que façais, sentirão sempre que não sois o vosso

Há testemunhos de interesse e de benevolência que produzem mais efeito e são realmente mais úteis do que os dons: quantos doentes infelizes precisam mais de consolo que de esmola! Quantos oprimidos aos quais a proteção é de mais valia que o dinheiro! Reconciliei as pessoas que se desavém, valia que os processos, instigai as crianças ao dever e os pais a evitai os processos, instigai casamentos felizes, impedi os vexames, indulgência; favorecei a influência dos pais de vosso aluno em empregai, dependei a recusa justa e que o poderoso esmaça favor do fraco a quem se recusa a ser protetor dos desgraçados, favor do humano, praticai o bem. Não deis esmola única. Sêde justo, humano, caridade; tais obras aliviam mais do que o dinheiro; amai os outros e os outros vos amarão; servi-os e eles vos servirão; sêde seu irmão e eles serão vossos filhos.

Eis mais uma razão para ^{deixar} educar Emílio no campo, longe da canalha dos lacaios, os últimos dos homens depois de seus amos; longe dos maus costumes das cidades, que o verniz com que se cobrem torna sedutores e contagiosos para as crianças; ao passo que os vícios dos camponeses, sem requintes e grosseiros, mais repelem do que seduzem, não se tem nenhum interesse em imitá-los.

Na aldeia um governante será muito mais senhor dos objetos que desejar apresentar à criança; sua reputação, suas palavras, seu exemplo terão uma autoridade que não poderão ter na cidade; útil a todos, todos se esforçarão por lhe agradar, por ser estimados por ele, por se mostrar ao discípulo como o mestre desejaria que fôsse efetivamente; ainda que não se corrijam do vício, se não de abster do escândalo; é tudo do que temos necessidade para nosso fim.

Cessai de culpar os outros de vossos próprios erros: o mal que as crianças vêem as corrompe menos que o que lhes ensinai. Sempre admoestadores, sempre moralistas, sempre pedantes, por uma idéia que lhes dais, acreditando-a boa, vós lhes dais vinte outras que não valem nada: cheio do que tendes na cabeça, não vêdes o que provocais na delas. Entre o amontoado de palavras com que as apoquentais incessantemente, imaginai que haja uma só que não apreendam erroneamente? Perginai que não comentam à sua maneira vossas explicações difusas e que não encontram nelas com que criarem um sistema a seu alcance e que saberão opor-vos oportunamente?

Ouvi o que diz um rapazelho que acabam de doutrinar; deixai-o tagarelar, questionar, extravagar à vontade e ficareis sur-

preendido com o significado estranho que vossos raciocínios adquiriram em seu espírito: confunde tudo, modifica tudo, impaciente-vos e vos desola às vezes com objeções imprevistas: levam-nos a calar ou a fazer com que caleis; e que gosta tanto pensar dêsse silêncio da parte de um homem que gosta tanto de falar? Se jamais levar essa vantagem e dela se aperceber, adeus educação; tudo estará terminado a partir dêsse momento. Não procurará mais instruir-se, procurará refutar-vos.

Mestres diligentes e dedicados, sêde simples, discretos: não vos apresseis jamais em agir a não ser para impedir que outros ajam. Repetirei-o sempre: abandonai, se necessário, uma boa instrução, de médo de dar uma prejudicial. Nesta terra, onde a natureza teria criado o primeiro paraíso do homem, temei exercer a função do tentador em querendo dar à inocência o conhecimento do bem e do mal. Não podendo impedir que a criança se instrua fora, através de exemplos, cingi vossa vigilância em imprimir êsses exemplos no seu espírito sob o aspecto que lhe convém.

As paixões impetuosas produzem grande efeito na criança que as testemunha, porque elas têm sinais muito sensíveis que a impressionam e a forçam a prestar atenção. A cólera principalmente é tão ruidosa em seus arrebatamentos que é impossível não a perceber estando perto. Não cabe perguntar se se trata para um pedagogo de uma oportunidade para fazer um belo sermão. Não, nada disso, nem uma só palavra. Deixai a criança vir a vós: espantada com o espetáculo ela não deixará de questionar-vos. A resposta é simples; tira-se dos próprios objetos que chocam seu espírito. Ela vê um rosto inflamado, olhos faiscantes, um gesto ameaçador, ela ouve gritos, sinais todos de que o corpo não se encontra em estado normal. Diz-lhe calmamente, sem mistério: êste pobre homem está doente, tem um acesso de febre. Partindo disso, podereis ter a oportunidade de lhe dar, em poucas palavras, uma idéia das doenças e de seus efeitos; pois isso também é da natureza, e uma das imposições da necessidade a que ela deve sentir-se exposta.

Será possível que com essa idéia, que não é falsa, ela não contraia desde cedo, certa repugnância em se entregar aos excessos das paixões, que encarará como doenças? E não acreditais que semelhante noção, dada a propósito, não produzirá um efeito tão salutar quanto o mais fastidioso sermão de moral? Mas vêde no futuro as consequências dessa noção: ei-vos

autorizado, em a tanto sendo constringido, a tratar uma criança rebelde como uma criança doente; a fechá-la em seu quarto, em sua cama se preciso, a submetê-la a regime, a assustá-la com seus vícios nascentes, a torná-los odiosos a seus olhos, e teméis, sem que jamais ela possa encarar como um castigo a severidade que sereis talvez forçado a empregar para curá-la. Se vos acontecer a vós mesmo, num momento de vivacidade, perdes o sangue frio e a moderação que deveis ter em educando, não procureis disfarçar vosso êrro. Dizei-lhe francamente num tom de terna censura: meu amigo, tu me magoaste.

É importante, de resto, que tôdas as ingenuidades que produzem na criança a simplicidade das idéias com que é educada, nunca sejam apontadas em sua presença, nem citadas de modo que venha a saber. Uma gargalhada indiscreta pode perturbar o trabalho de seis meses, e provocar um prejuizo irreparável para tôda a vida. Não posso cansar-me de dizer que para ser o mestre da criança é preciso ser seu próprio mestre. Imagino meu pequeno Emílio, no auge de uma briga entre duas vizinhas, avançar para a mais furiosa e dizer com commeração: *Estais doente, minha cara, lamento-o muito*. Esta salda não deixará, sem dúvida, ter effeito sôbre os espectadores nem, talvez, sôbre as atrizes. Sem rir, sem ralar, sem o elogiá-lo, levo-o de bom grado ou à fôrça, antes que possa perceber o effeito, ou ao menos antes que nêle pense, e apressar-me em distraí-lo com outros objetos que o façam logo esquecer.

Meu intuito não é entrar em pormenores mas tão-somente expor as máximas gerais e dar exemplos nos casos mais diffíceis. Considero impossivel que se possa trazer ao seio da sociedade uma criança de doze anos sem lhe dar alguma idéia das relações entre homem e homem e da moralidade das ações humanas. Basta que nos apliquemos em fornecer-lhe as noções mais necessárias o mais tarde possível e que, quando se tornarem indispensáveis, as restrinjamos à utilidade presente, apenas para que ella não se acredite senhora de todos e não faça mal a outro sem escrúpulo e sem o saber. Há temperamentos dóceis e tranquilos que podemos levar longe sem perigo para sua innocência primeira; mas os há também violentos cuja ferocidade se desenvolve cedo e que precisamos apressar-nos em dêles fazer homens, para não sermos obrigados a acorrentá-los.

Nossos primeiros deveres são para conosco; nossos sentimentos primitivos concentram-se em nós mesmos; todos os nossos movimentos naturais dizem respeito inicialmente à nossa con-

servação e ao nosso bem-estar. Assim, nosso primeiro sentimento de justiça não nos vem da que devemos e sim da que nos é devida; e é ainda um dos contrasensos das educações comuns que, falando de início às crianças de seus deveres, comecem dizendo-lhes o contrário do que se impõe, o que não podem entender nem as pode interessar.

Se tivesse portanto que guiar uma das que acabo de supor, eu me diria: uma criança não ataca nunca as pessoas ⁷ e sim as coisas; e logo aprende pela experiência a respeitar quem quer a ultrapasse em idade e em fôrça. Mas as coisas não se defendem sôzinhas. A primeira idéia que cumpre dar-lhe é portanto menos a da liberdade que a da propriedade. E para que possa ter essa idéia é preciso que possua sempre alguma coisa. Citar-lhe seus trapos, seus móveis, seus brinquedos, é nada lhe dizer, porquanto, embora disponha dessas coisas, não sabe nem porque nem como as tem. Dizer-lhe que as tem porque lhe foram dadas não é muito melhor, porquanto para dar é preciso ter: eis portanto uma propriedade anterior à dela. E é o princípio da propriedade que se lhe quer explicar, sem contar que o dom é uma convenção e a criança não pode saber ainda o que seja uma convenção ⁸. Leitores, observai, peço-vos, neste exemplo e em cem mil outros que, enfiando na cabeça das crianças palavras sem nenhum sentido a seu alcance, imaginam entretanto as ter muito bem instruído.

Trata-se portanto de remontar à origem da propriedade; pois é daí que a primeira idéia deve nascer. A criança vive no campo terá tido alguma noção das atividades campesinas; não é necessário para isso senão que tenha olhos e lazeres, e ella os terá tido. É de tôdas as idades, principalmente da sua,

(7) Não se deve nunca admitir que uma criança abuse dos adultos como de seus inferiores, nem mesmo como de seus iguais. Se ousar bater seriamente em alguém, seja seu lacaio, seja seu verdugo, fazei com que lhe devolvam os golpes com juros, de maneira a tirar-lhe a vontade de recommear. Vi governantes imprudentes excitar a rebeldia de uma criança, incitá-la a bater, deixarem-se bater ellas próprias, rindo dos golpes fracos, sem pensarem que se tratava de assassínios na intenção do pequeneno furioso e que quem quer bater, sendo jovem, desejará matar quando grande.

(8) Eis porque a maioria das crianças quer reaver o que deu e chora quando não se lhe quer devolver. Isso não lhe acontece mais quando concebe realmente o que seja o dom; só que se mostra mais circunspecto em dar.

querer criar, imitar, produzir, dar sinais de poder e de atividade. Mal terá visto duas vezes arar uma horta, semear, germinarem e crescerem legumes que já desejará jardinar ela própria. Em virtude dos princípios aqui estabelecidos, não me oppo a seu desejo. Ao contrário, favoreço-o, compartilho seu gosto, trabalho com ela não pelo prazer dela e sim pelo meu, ela o acredita, pelo menos. Torno-me seu ajudante de jardim. Enquanto espero que tenha braços, aro por ela a terra; dela toma posse plantando uma fava e certamente essa posse é mais sagrada e mais respeitável que a que tomava Nunes Balboa da América meridional em nome do rei da Espanha, plantando seu estandarte nas costas do mar do sul.

Se diáriamente regamos a fava, vêmo-la despertar com transportes de alegria. Aumento essa alegria dizendo: isto te pertence e explicando-lhe então o termo pertencer, faço-lhe sentir que pôs naquella terra seu tempo, seu trabalho, sua pena, sua pessoa enfim; que há nessa terra alguma coisa dela própria e que pode reivindicar contra quem quer que seja, como poderia retirar o braço da mão de outro homem que o quisesse segurar contra sua vontade.

Um belo dia ella chega solícita com o regador na mão. Ó espetáculo, ó dor! tôdas as favas estão arrancadas, todo o terreno remexido, nem o lugar se reconhece mais. Ah, que aconteceu com meu trabalho, minha obra, o doce fruto de meus cuidados e de meu suor? Quem me arrebatou meu bem? Quem me pegou minhas favas? O jovem coração se revolta, o primeiro sentimento de injustiça nêle verte seu triste amargor; correm as lágrimas; a criança desolada enche o ar de gemidos e de gritos. Participamos de sua dor, de sua indignação; procuramos, colhemos informações, fazemos perquisições. Finalmente descobrimos que foi o jardineiro: chamamo-lo.

Mas eis que nos colocamos noutra campo. O jardineiro sabendo de que nos queixamos começa a queixar-se mais alto ainda. Pois então, senhores, fostes vós que me estragastes a minha obra? Eu tinha semeado aqui melões de Malta, cujas sementes me tinham sido dadas como um tesouro e com os quais esperava regalar-vos em estando maduros; mas eis que para plantardes vossas miseráveis favas destruístes meus melões já germinados e que nunca substituirei. Causastes-me um prejuízo irreparável e vos privastes, vós mesmos, do prazer de comer melões deliciosos.

JEAN-JACQUES

Desculpai-nos, meu bom Roberto. Pusestes nisso todo o vosso trabalho, tôda a vossa pena. Bem vejo que erramos em destruir vossa obra; mas mandaremos vir outras sementes de Malta e não mexeremos mais na terra, antes de sabermos se alguém nella pôs a mão antes de nós.

ROBERTO

Pois bem, meus senhores, podeis então descansar porque não há, mais terra não cultivada. Eu trabalho a que meu pai melhorou; cada qual faz o mesmo de seu lado e tôdas as terras que vêdes estão occupadas de há muito.

EMÍLIO

Seu Roberto, há então muita semente de melão perdida?

ROBERTO

Desculpai-me jovem caçula; pois não vemos muitas vezes jovens tontos como vós. Ninguém toca no jardim do vizinho; cada qual respeita o trabalho do outro a fim de que o seu esteja em segurança.

EMÍLIO

Mas eu não tenho jardim.

ROBERTO

Que me importa? Se estragais o meu, não vos deixarei mais passear nêle; porque, vêde, não posso mais perder o meu suor.

JEAN-JACQUES

Não poderíamos propor um arranjo ao bom Roberto? Que nos conceda um cantinho de seu jardim para meu amiguinho e eu o cultivarmos, com a condição de ter a metade do produto.

ROBERTO

Concedo-o sem condições. Mas lembrai-vos de que irei arar vossas favas se tocardes nos meus melões.

Nessa tentativa de inculcar nas crianças as noções primitivas, vê-se como a idéia de propriedade remonta naturalmente ao direito do primeiro occupante pelo trabalho. Isso é claro, nítido, simples e sempre ao alcance da criança. Daí até ao direito de propriedade e às trocas não vai mais de um passo, depois do qual cumpre parar.

Vê-se ainda que uma explicação, que encerro aqui em duas páginas, será talvez coisa de um ano na prática; porque no caminho das idéias morais não se pode avançar demasiado len- tamente, nem muito bem se firmar a cada passo. Jovens mes- tres pensai, peço-vos, neste exemplo e lembrai-vos de que em tudo, vossas ações devem ser mais em ações do que em ser- mões, porquanto as crianças esquecem mais facilmente o que se lhes diz, ou o que dizem, do que o que fazem ou o que lhe fazem.

Tais instruções devem ser-lhes dadas, como o disse, mais cedo ou mais tarde na medida em que o natural tranqüilo ou turbulento do aluno acelere ou atrase a necessidade; seu em- prego é de uma evidência que salta aos olhos. Mas, para nada omitir de importante nas coisas difíceis, demos mais um exemplo.

Vossa criança difícil de educar estraga tudo o que toca: não vos zangueis; colocai fora de seu alcance tudo que possa estragar. Quebra os móveis de que se serve? Não vos apres- seis em dar-lhe outros: deixai-a sentir o mal da privação. Que- bra as janelas do quarto? Deixai o vento soprar dia e noite sem vos preocupardes com os resfriados, pois é melhor que fi- que resfriada do que louca. Não vos queixeis nunca dos inó- modos que vos dá, mas fazei com que ela os sinta em primeiro lugar. No fim fareis consertar os vidros sem nada dizerdes. Quebra-os ainda? Mudai de método então: dizei-lhe sécamen- te mas sem raiva: as janelas são minhas; aí foram colocadas por meus cuidados; quero garanti-las. Depois a fechareis na obscuridade num local sem janela. Ante tão nôvo procedimento, ela começará por gritar, espernear; ninguém a ouve. Dentro em breve ela se cansa e muda de tom; queixa-se, geme. En- tão um criado se apresenta, o rebelde pede-lhe que o liberte: Sem procurar pretextos para nada fazer o criado responde: *também tenho vidros que devo conservar.* E vai-se embora. Enfim, depois que a criança assim tiver ficado várias horas, o bastante para aborrecer e lembrar-se, alguém lhe sugerirá de propor-vos um acôrdo mediante o qual vós lhe devolveis a liberdade e ela não quebraria mais vidros. Ela não há de querer melhor. Ela vos pedirá para vir vê-la; vós ireis; ela vos fará sua proposta e vós a acceitareis de imediato dizendo-lhe: muito bem pensado; ganharemos ambos: como não tiveste essa idéia antes? E depois, sem pedirdes confirmação de sua pro- messa vós a beijareis com alegria e a levareis imediatamente para o quarto dela, encarando o acôrdo como sagrado e invio-ável como se jurado. Que idéia pensais que ela terá de

valor dos compromissos e de sua utilidade? Engano-me se houver na terra uma só criança, ainda não estragada, quando da experiência dessa conduta, que pense em quebrar um vidro de janela, depois, de propósito. Segui o encadeamento de tudo isso. O mauzinho não pensava absolutamente, ao fazer um ciên- raco para plantar sua fava, que abria uma cela onde sua ciên- cia não tardaria em encerrá-lo⁹.

Eis-nos no mundo moral, eis a porta aberta ao vício. Com as convenções e os deveres nascem o embuste e a mentira. A partir do momento em que se pode fazer o que não se deve, quer-se esconder o que não se deveria ter feito. Desde que um interesse faz prometer, um interesse maior pode fazer violar a promessa; não se trata mais de a violar impunemente: então o recurso é natural. Esconde-se e mente-se. Não tendo po- dido prevenir o vício, eis-nos já no caso de puni-lo. E eis as misérias da vida humana que começam com seus erros.

Já disse bastante para dar a entender que não se deve nun- ca inflingir à criança o castigo como castigo e que êste deve ocorrer-lhe como consequência natural de sua má ação. Assim não declamareis nunca contra a mentira, nao a punireis preci- samente por ter mentido; mas fareis com que os maus resul- tados da mentira, como o de não ser acreditado quando se diz a verdade, o de ser acusado do mal que não se fêz, se acumu- lem, por mais que o queira negar, sobre sua cabeça quando mentiu. Mas expliquemos o que é mentir para as crianças.

Há duas espécies de mentira: a de fato que diz respeito ao passado e a de direito que diz respeito ao futuro. A primeira ocorre quando se nega ter feito o que se fêz, ou quando se

(9) Demais, quando êsse dever de manter os compromissos não se tivesse firmado no espírito da criança pelo peso de sua utilidade, logo o sentimento interior, começando a brotar, lho importaria como uma lei da consciência, como um princípio inato que só aguarda, para se desenvolver, os conhecimentos a que se aplica. Esse primeiro traço não é marcado pela mão dos homens e sim gravado em nossos corações pelo Autor de tôda justiça. Tirai a lei primitiva das convenções e a obrigação que ela impõe, e tudo será illusório e vão na sociedade hu- mana. Quem só se prende a sua promessa pelo proveito, não se acha muito mais prêsdo do que se nada houvesse prometido; ou, quando mu- to, será, do poder de violá-la, como da busca dos jogadores que só tardam em valer-se dela para aguardar o momento de valer-se com mais vantagem. Esse princípio é da maior importância e merece ser aprofundado; pois é aqui que o homem começa a se pôr em contra- dição consigo mesmo.

afirma ter feito o que não se fez, e em geral quando se fala de caso pensado contra a verdade das coisas. A outra ocorre quando se promete, o que não se tem a intenção de cumprir e em geral quando se mostra uma intenção contrária à que se tem. Essas duas mentiras podem por vezes juntar-se na mesma¹⁰, mas eu as considero aqui pelo que têm de diferente.

Quem sente a necessidade que tem do auxílio dos outros, e não cessa de experimentar sua benevolência, não tem nenhum interesse em enganá-los; ao contrário, tem um interesse sensível em que vejam as coisas como são, de modo que se enganem em prejuízo seu. Está claro, portanto, que a mentira de fato não é natural às crianças; mas é a lei da obediência que produz a necessidade de mentir, porque, sendo a obediência penosa, a gente se desembaraça dela em segredo o mais possível e porque o interesse imediato de evitar o castigo ou a censura ultrapassa o interesse remoto de expor a verdade. Em sua educação natural e livre, porque então vossa criança mentiria? Que tem a esconder-vos? Não ralhais com ela, não a punis de nada, nada exigis dela. Por que não vos diria tudo o que fez tão ingenuamente quanto a seu camarada? Ela não pode ver na confissão maior perigo de um lado que de outro.

A mentira de direito é menos natural ainda, porquanto as promessas de fazer ou de se abster são atos convencionais, que saem do estado natural e derogam à liberdade. Há mais: todos os compromissos das crianças são nulos por si mesmos, pois não podendo sua visão limitada estender-se além do presente, comprometendo-se não sabem o que fazem. Mal a criança pode mentir quando se compromete. Só pensando em se safar de uma dificuldade no momento presente, todo meio que não tenha efeito presente lhe é igual; prometendo para um tempo futuro, não promete nada e sua imaginação ainda adormecida não sabe estender seu ser sobre dois tempos diferentes. Se pudesse evitar o chicote ou obter um pacote de doces, prometeria jogar-se amanhã pela janela, ela o prometeria de imediato. Eis porque as leis não atentam para os compromissos das crianças; e quando os pais e os mestres mais severos exigem que elas os cumpram, é somente no que a criança deveria fazer, ainda que não o tivesse prometido.

(10) Como quando, acusado de uma má ação, o culpado se defende em se proclamando homem honesto. Mente então quanto ao fato e ao direito.

A criança, não sabendo o que faz quando se compromete, não pode portanto mentir em se comprometendo. Não é a mesma coisa quando falta a sua promessa, o que ainda é uma espécie de mentira retroativa: porque ela se lembra muito bem de ter feito a promessa, mas o que não vê é a importância de cumpri-la. Incapaz de ler no futuro, não pode prever as consequências das coisas; e quando viola seus compromissos nada faz contra a razão de sua idade.

Conclui-se disso que as mentiras das crianças são tôdas obra de seus mestres e que querer ensinar-lhes a dizer a verdade não passa de ensinar-lhes a mentir. No afã que temos de lhes dar regras, de as governar, de as instruir, não encontramos nunca instrumentos suficientes para o conseguirmos. Queremos ter novos meios de influenciar seu espírito mediante máximas sem fundamento, preceitos sem razão e gostamos mais de que saibam suas lições e mintam, do que permaneçam ignorantes e autênticas.

Nós que damos a nossos alunos somente lições práticas e que preferimos que sejam bons a que sejam sábios, não exigimos dêles a verdade de modo que a disfarcem, e nada lhes fazemos prometer que sejam tentados a não cumprir. Se aconteceu em minha ausência algum mal cujo autor eu ignore, evito acusar Emílio ou dizer-lhe: *foste tu*¹¹? Pois com isso não faria outra coisa senão ensinar-lhe a negá-lo. Se sua natureza difícil me forçar a algum acôrdo com êle, terei todo cuidado em que a proposta venha sempre dêle, nunca de mim; em que, quando se comprometer, tenha sempre um interesse presente e sensível em cumprir o prometido; e terei também cuidado em que, se jamais faltar à promessa, a mentira faça cair sobre êle males que êle veja saírem da própria ordem das coisas e não da vingança de seu governante. Mas, longe de recorrer a expedientes tão cruéis, estou quase certo de que Emílio aprenderá, bastante tarde, o que é mentir e que, aprendendo-o, ficará muito espantado, não podendo conceber a que pode servir a mentira. Está bem claro que quanto mais eu tornar seu bem-estar indepen-

(11) Nada mais indiscreto do que semelhante pergunta, sobretudo quando a criança é culpada; se acreditar então que sabeis o que fez, verá que lhe preparais uma armadilha e essa opinião não pode deixar de indispor-la contra vós. Se não o acreditar, ela se dirá: porque descobri minha falta? E eis a primeira tentação da mentira decorrendo de vossa imprudente pergunta.

dente, seja das vontades, seja dos julgamentos dos outros, mais eu destruirei nêle qualquer interêsse em mentir.

Quando não se tem pressa em instruir, não se tem pressa em exigir e aguarda-se o tempo necessário para só exigir oportunamente. Então a criança se forma na medida em que não se estraga. Mas quando um preceptor desastrado, não sabêdo como fazê-lo, a obriga a cada instante a prometer isto ou aquilo, sem distincção, sem escolha, sem medida, a criança aborte, sobrecarregada de tôdas as suas promessas, as negligencia, as esquece, as desdenha enfim, e, encarando-as como formulaes vãs, se diverte com as fazer e as violar. Quereis que seja fiel a sua palavra, sejai discreto em a exigir.

Os pormenores em que entrei acêrca da mentira podem sob muitos aspectos applicar-se a todos os outros deveres, que só se prescrevem às crianças tornando-os não sòmente odiosos como impraticáveis. Parecendo pregar-lhes a virtude levam-nas a amarem todos os vícios: nós lhos damos proibindo-as de os terem. Querendo torná-las devotas, levam-nas à igreja para que se entediem; fazendo com que murmurem preces sem cessar, forçam-nas a aspirarem à felicidade de não mais rezar. Para inspirar-lhes a caridade, fazemos com que dêem esmolas como se não as pudéssemos dar nós mesmos. Ora, não é a criança que deve dar, é o mestre: por maior apêgo que tenha a seu aluno, deve disputar-lhe essa honra; deve fazê-lo pensar que na sua idade não é ainda digno do gesto. A esmola é uma acção de homem que conhece o valor do que dá e a necessidade que seu semelhante tem do que é dado. A criança não sabe nada disso, não pode ter nenhum mérito em dar; dá sem caridade, sem intenção de fazer o bem; quase tem vergonha de dar quando, baseada em seu exemplo e no vosso, acredita que sòmente as crianças dão e que não se dá mais sendo adulto.

Observai que não fazem a criança dar senão coisas cujo valor ignora, moedas de metal que tem no bôlso e que só servem mesmo para isso. Uma criança daria mais facilmente cem luizes do que um doce. Mas instigai êsse distribuidor pedulário a dar as coisas que lhe são caras, brinquedos, confeitos, sua merenda e logo veremos se vós a tornastes realmente liberal.

Encontram ainda um expediente para isso, que consiste em devolver bem depressa à criança o que ella deu, de maneira que se acostuma a dar tudo o que sabe que lhe será devolvido. Nunca vi nas crianças senão essas duas espécies de generosidade

de: dar o que não lhes serve de nada, ou dar o que têm certeza de que lhes irão devolver. Fazei, diz Locke, com que se convençam pela experiência que o mais liberal é a criança liberal que recebe a melhor parte. Disso resulta tornar a criança liberal na aparência e avarenta na realidade. Êle acrescenta que assim as crianças contrairão o hábito da liberalidade. Sim, de uma liberalidade usurária, que dá um óvo para ganhar um boi. Mas quando se tratar de dar de verdade, adeus o hábito; quando deixarem de lhe devolver, ella não tardará em deixar de dar. Ê preciso ter em vista o hábito da alma mais do que o hábito das mãos. Tôdas as outras virtudes que ensinam às crianças assemelham-se a essa. E é pregando-lhes tão sólidas virtudes que usam seus jovens anos na tristeza! Não é, em verdade, uma sábia educação!

Mestres, abandonai tais comédias, sêde virtuosos e bons, que vossos exemplos se gravem na memória de vossos alunos até que possam entrar em seus corações. Em vez de exigir do meu gesto de caridade, prefiro fazê-lo na presença dêle e até tirar-lhe o meio de me imitar nisso, como uma honra que não é de sua idade; pois importa que não se acostume a encarar os deveres dos homens tão-sòmente como deveres de crianças. Se ao me ver assistir os pobres, me questionar, em sendo tempo de lhe responder eu lhe direi: "Meu amigo, é porque quando os pobres concordaram em que houvesse ricos, os ricos prometeram alimentar todos os que não tivessem com que viver nem de seus bens nem de seu trabalho" — "Prometestes isso então?" — "Sem dúvida. Só sou dono dos bens que passam por minhas mãos com a condição que se liga à propriedade dêles" 12.

Depois de ter ouvido tais palavras, e já se viu como se pode pôr uma criança em estado de entendê-las, um outro que não Emílio teria a tentação de me imitar e de se conduzir como um homem rico; eu o impediria de fazê-lo, ao menos com ostentação; preferiria que me tomasse o meu direito e se escondesse para dar. Seria uma fraude de sua idade e a única que lhe perdoaria.

(12) Deve-se compreender que não dou resposta satisfatória a suas perguntas quando lhe apraz e sim quando me apraz; de outro modo seria dobrar-me a suas vontades e pôr-me na mais perigosa das dependências em que um governante possa se collocar em relação a seu aluno.

Sci que tódas essas virtudes por imitação são virtudes de símio e que nenhuma ação é moralmente boa senão quando feita nessa intenção e não porque outros a fazem. Mas numa idade em que o coração nada sente ainda, é preciso induzir as crianças a imitarem os atos a que as queremos habituar enquanto aguardamos que o façam por discernimento e por amor ao bem. O homem é imitador, até o animal o é; o gôsto da imitação é da natureza bem ordenada; mas degenera em vício na sociedade. O macaco imita o homem que êle teme e não imita os animais que despreza; julga bom o que faz um ser melhor do que êle. Entre nós, ao contrário, nossos atlequins de toda espécie imitam o belo para degradá-lo, para torná-lo ridículo; buscam no sentimento de sua baixaza igualar-se ao que vale mais do que êles; ou, se se esforçam por imitar o que admiram, vemos na escolha dos objetos o falso gôsto dos imitadores: querem mais iludir os outros ou fazer com que aplaudam seu talento do que se tornar melhores ou mais sábios. O altice da imitação entre nós está no desejo de nos transportarmos sempre para fora de nós. Se eu tiver êxito na minha empreza, Emílio não terá tal desejo. Cumpre, portanto, que dispensemos o bem aparente que pode produzir.

Aprofundai tódas as regras de vossa educação, vereis que tódas são erradas, principalmente no que diz respeito às virtudes e aos costumes. A única lição de moral que convém à infância, e a mais importante em qualquer idade, é a de não fazer mal a ninguém. O próprio preceito de fazer o bem, em não se subordinando ao outro, é perigoso, falso, contraditório. Quem não faz bem? Todos fazem, o mau como os demais; faz alguém feliz a expensas de cem miseráveis; e daí vêm tódas as nossas calamidades. As mais sublimes virtudes são negativas: são também as mais difíceis, porque são sem ostentação e acima mesmo do prazer tão doce ao coração do homem de despetchar alguém contente conosco. Mas que bem faz necessariamente a seus semelhantes quem, se é que existe, nunca lhes faz mal! Que intrepidez de alma, que vigor de caráter precisa para isso! Não é raciocinando sobre esta máxima, é tratando de praticá-la, que sentimos quanto é grande e difícil conseguí-la.

(13) O preceito de nunca causar mal a outrem implica no de se apagar o menos possível a sociedade humana: pois, no estado social, o bem de um faz necessariamente o mal de outro. Esta relação, na essência da coisa e ninguém a pode modificar. Que se verifique, um com êste principio, qual o melhor: o homem social ou o solitário.

Eis algumas pobres idéias das precauções com as quais eu gostaria que dessem às crianças as instruções que não podemos às vezes recusar-lhes sem as expor a se prejudicarem ou prejudicarem os outros e, sobretudo, a contraírem maus hábitos que acarretariam sérias dificuldades, mais tarde, para corrigi-los. Mas tenhamos certeza de que essa necessidade se apresentará raramente para as crianças educadas como o devem ser, pois é impossível que se tornem indóceis, más, mintirosas, cobiosas, em não se semcando em seus corações os vícios que assim frenam. Por isso, o que disse a propósito refere-se mais às exceções do que à regra; mas essas exceções se fazem mais freqüentes na medida em que as crianças têm mais oportunidades de sair de seu estado e contrair os vícios dos homens. As que se educam na sociedade, cumpre forçosamente dar instruções mais precoces do que às que se criam fora dela. Essa educação solitária seria pois preferível, ainda que fôsse tão-somente para dar à infância o tempo de amadurecer.

Há outro tipo de exceções contrárias para aquelas que uma índole feliz eleva acima de sua idade. Assim como há homens que nunca saem da infância, outros há que, por assim dizer, nunca a tiveram e já são homens quase ao nascerem. O mal está em que esta última exceção é muito rara, muito difícil de se conhecer, e que toda mãe, imaginando que uma criança pode ser um prodígio, não duvida de que seu filho o seja. Fazem mais: tomam como indícios extraordinários os mesmos que assinalam a ordem habitual: a vivacidade, as saídas, a travessura, a ingenuidade picante, sinais todos característicos da idade e que mais mostram que uma criança não é senão uma criança. Será de espantar que aquêle a quem muito fazemos falar, a quem tudo permitimos que diga, que não é perturbado por nenhuma deferência, por nenhuma necessidade de boa educação, tenha por acaso um achado feliz? Sê-lo-ia muito mais se nunca tivesse um, como o seria que um astrólogo, entre mil mentiras, não dissesse uma só vez a verdade. Mentirão tanto, observava Henrique IV, que ao fim dirão uma verdade. Quem quer que de-

autor illustre afirma que só o mau é só; eu digo que sômente o bom é só. Se esta proposição é menos sentenciosa, é em compensação mais verdadeira e razoável do que a precedente. Se o mau fôsse só, que mal poderia fazer? E na sociedade que êle arquiteta seus planos para prejudicar os outros. Se quiserem aplicar êste argumento ao homem de bem, eu responderei com o artigo a que se refere esta nota (alusão a Diderot. N. d. T.).

e nada convém ao outro/ O único sinal que os pode distinguir depende do caso que pode oferecer ao último alguma idéia a seu alcance, enquanto o primeiro é sempre o mesmo. Era taci-Catão parecia na infância um imbecil em sua casa. Foi somente na turno e opinático, eis tudo que se dizia d'êlo. Se não antecâmara de Sila que seu tio aprendeu a conhecê-lo. Se tivesse entrado nessa antecâmara talvez houvesse passado por estúpido até à idade de razão. Se César não houvesse vivido talvez tivessem tratado de visionário êsse mesmo Catão que de netrou seu gênio funesto e previu todos os seus projetos as muito longe. Ah, como os que julgam tão precipitadamente as crianças estão sujeitos a enganar! São por vêzes mais crianças do que elas. Vi, numa idade bastante avançada, um homem que me distinguia com sua amizade passar na sua família e entre seus amigos por um espírito curto: a excelente cabeça amadurecia em silêncio. Repentinamente êle se revelou filósofo, e não duvido que a posteridade lhe reserve um lugar honroso e de projeção entre os melhores pensadores e os mais profundos metafísicos de seu século.

Respeitai a infância e não vos apresséis em julgá-la bem ou mal. Deixai as exceções se assinalarem, se comprovarem, se confirmarem muito tempo antes de adotárdes para ellas alguns todos particulares. Deixai a natureza agir durante muito tempo, antes de procurardes agir em lugar dela, a fim de não contrariardes suas operações. Dizeis que conheceis o valor do tempo e não quereis perdê-lo. Não vêdes que é perdê-lo muito mais empregando-o mal do que nada fazendo, e que uma criança mal instruída se encontra mais longe da sabedoria do que aquela que não recebeu nenhuma instrução. Vós vos preocupais com a ver gastar seus primeiros anos em não fazer nada. Como! Ser feliz será não fazer nada? Não será nada pular, correr, brincar o dia inteiro? Em tôda a sua existência não andará mais ocupada. Pláton, em sua *República*, que acreditava tão austera, só educa as crianças com festas, jogos, canções, passatempos: parece que fêz tudo ensinando-lhes a se divertirem. E Sêneca diz, falando da antiga juventude romana: estava sempre em pé e nada se lhe ensinava que devesse aprender sentada. E valia ela menos ao alcançar a idade viril? Não vos alardeis demasiado, portanto, ante essa pretensa ociosidade. Que diríeis de um homem que para tirar proveito total da vida jamais quisesse dormir? Diríeis: êsse homem é insensato; não aproveitou o tempo, perde-o; a fim de fugir do sono

seje encontrar uma boa saída deve dizer tão-somente, muitas tolices. Deus protege quem está na moda e não tem outro mérito para ser festejado.

Os pensamentos mais brilhantes podem cair no cérebro das crianças, ou melhor, as melhores saídas em sua boca, tanto quanto os diamantes mais caros em suas mãos, sem que isso pensamento ou diamante lhes pertençam; não há nenhuma propriedade de nenhum tipo nessa idade. As coisas que uma criança diz não são para ella o que são para nós; ela não lhes atribui as mesmas idéias. Estas, se é que ella as tem, não portam, em seu pensamento, nem consequência nem ligação, nada de fixo, nada de seguro no que pensa. Examinai vossos pretensos prodígios. Em certos momentos descobrireis nêlo impulsos de extrema atividade, uma clareza de espírito incrível. O mais das vêzes êsse mesmo espírito vos parecerá frouxo, mórbido e como que envolvido em espessa bruma. Ora êle vos precede, ora fica imóvel. Em dado momento diríeis que se trata de um gênio, noutro momento de um tolo. Vós vos enganaríeis sempre; é uma criança. É uma aguieta que fende o ar durante um instante e logo depois volta a cair no ninho.

Tratai-a portanto de acôrdo com a idade apesar das aparências e temei esgotar-lhe as forças por terdes querido exercê-las demasiado. Se o jovem cérebro se anima, se vêdes que começa a ferver, deixai-o primeiramente fermentar em liberdade, não o exciteis nunca de mêdo que tudo se evapore; e quando os primeiros vapores se tiverem evaporado, retende, compitimi os outros até que, com os anos, tudo se faça calor vivificante e força verdadeira. De outro modo perdereis vosso tempo e vossos cuidados, destruireis vossa própria obra; e depois de vos terdes indiscretamente embriagado com êsses vapores infamáveis, só vos restará um bagaço sem vigor.

Das crianças estouvadas saem os homens comuns: não co-nheço observação mais geral e certa do que essa. Nada é mais difícil, na infância, do que distinguir a estupidez real de essa aparente e enganadora estupidez que anuncia as almas fortes. Parece, a princípio, estranho que os dois extremos apresentem sinais tão semelhantes: e, no entanto, assim deve ser. Pois numa idade em que o homem não tem ainda verdadeiras idéias, toda a diferença existente entre o que tem gênio e o que não tem, está no fato de o último só admitir idéias falsas e de o primeiro, só essas encontrando, não admitir nenhuma: assembra-se portanto ao estúpido, nisso que um nao é capaz de nada

corre para a morte. Refleti em que se trata da mesma coisa, e que a infância é o sono da razão.

A facilidade aparente de aprender é causa da perda das crianças. Não se vê que essa facilidade mesma é a prova de que nada aprendem. Seu cérebro liso e polido reflete como um espelho os objetos que se lhe apresentam; mas nada fica, nada penetra. A criança retém as palavras, as idéias são refletidas; os que as ouvem entendem-nas, só ela não as entende.

Embora a memória e o raciocínio sejam faculdades essencialmente diferentes, uma não se desenvolve verdadeiramente sem a outra. Antes da idade a razão da criança não recebe idéias e sim imagens; e há esta diferença entre umas e outras: as imagens não passam de pinturas absolutas dos objetos sensíveis e as idéias são noções dos objetos, determinadas por relações. Uma imagem pode existir sozinha no espírito que a representa; mas toda idéia supõe outras. Quando imaginamos, não fazemos senão ver; quando concebemos, comparamos. Nossas sensações são puramente passivas, ao passo que todas as nossas percepções ou idéias nascem de um princípio ativo que julga. Isto será demonstrado.

Digo portanto que as crianças, não sendo capazes de julgamento, não têm memória verdadeira. Retêm sons, formas, sensações, raramente idéias, mais raramente ainda suas ligações. Objeto-me que aprendem alguns elementos de geometria, acreditam apresentar uma prova contra mim; muito pelo contrário, a prova me é favorável: mostra que, longe de saberem raciocinar por si mesmas, não sabem sequer refer os raciocínios dos outros. Acompanhai esses pequenos géometras no seu método; logo vereis que só retiveram a impressão exata da figura e os termos da demonstração. Ante qualquer nova objeção perdem pé; virai a figura noutro sentido, não entenderão mais. Todo o seu saber está na sensação, nada chegou ao entendimento. Sua memória mesma não é muito mais perfeita que as outras faculdades, pois precisam quase sempre reaprender, quando grandes, as coisas que aprenderam na infância.

Estou longe contudo de pensar que as crianças não tenham nenhuma espécie de raciocínio ¹⁴. Ao contrário, vejo que

(14) Fiz cem vezes a reflexão, escrevendo, de que é impossível, numa obra de fôlego, dar sempre os mesmos sentidos às mesmas palavras. Não há língua bastante rica para fornecer tantos termos, tantas expressões e frases quanto as modificações que podem ter

ciocinam muito bem em tudo o que conhecem e que se relaciona com seu interesse presente e sensível. Mas é acérca de seus conhecimentos que nos enganamos, atribuindo-lhes os que não têm e levando-as a raciocinarem sobre o que não podem atender. Enganamo-nos ainda querendo que se mostrem atentas a considerações que não as impressionam de modo adulto, como as de seu interesse futuro, de sua felicidade quando crescerem; coisas que, da estima que terão por elas quando crescerem, nada significam para ditas a sêres sem nenhuma previdência, nada significam para elles. Ora, todos esses estudos forçados dêsseos pobres infelizes tendem para objetos inteiramente estranhos a seus espíritos. Que se imagine a atenção que lhes podem prestar.

Os pedagogos que nos exibem com aparato as instruções dadas a seus discipulos são pagos para ter outra linguagem: vemos entretanto, por sua própria conduta, que pensam exatamente como eu. Pois, que lhes ensinam afinal? Palavras, palavras e mais palavras. Entre as diversas ciências que se vangloriam de ensinar-lhes, evitam cuidadosamente escolher as que lhes seriam verdadeiramente úteis, porque seriam ciências de coisas e que não conseguiriam ensinar-lhes; mas as que parecem saber quando conhecemos seus termos, brasão, geografia, cronologia, línguas etc. são estudos tão longe do homem, e sobretudo da criança, que seria espantoso que alguma coisa delles lhe pudessem ser útil uma só vez na vida.

Surprender-se-ão com o fato de eu incluir o estudo das línguas entre as inutilidades da educação: cumpre que se lembrem de que só trato aqui dos estudos da primeira infância; e, digam o que quiserem, não creio que até a idade de doze ou quinze anos, à exceção dos prodígios, alguma criança tenha algum dia aprendido realmente duas línguas.

O método de definir todos os termos e substituir sem cessar a definição ao definido é bonito mas impraticável, pois como evitar o círculo vicioso? As definições poderiam ser boas se não se empregassem palavras para dá-las. Apesar disso estou persuadido de que se poderia ser claro, mesmo com a pobreza de nossa língua, não dando sempre as mesmas accepções às mesmas palavras, mas fazendo de modo que, todas as vezes que se emprega uma palavra, a accepção dada seja suficientemente determinada pelas idéias que a ela se reportam e que cada período em que tal palavra se encontre lhe sirva, por assim dizer, de definição. Ora eu digo que as crianças são incapazes de raciocínio, ora faço com que raciocinem com bastante finura. Não creio, com isso, contradizer-me em minhas idéias, mas não posso deixar de convir em que me contradigo muitas vezes nas minhas expressões.

Convenho em que se o estudo das línguas fôsse apenas o das palavras, isto é, das figuras ou dos sons que as exprimem, tal estudo poderia convir às crianças: mas as línguas, modificando os sinais, modificam também as idéias que representam. As cabeças formam-se sobre as linguagens, os pensamentos tomam a tonalidade dos idiomas. Só a razão é comum; o espírito tem sua forma particular em cada língua; diferença que poderia bem ser em parte a causa ou o efeito dos caracteres nacionais. E o que parece confirmar essa conjectura é o fato de que em tódas as nações do mundo a língua acompanha as vicissitudes dos costumes e com estes se conserva ou se altera.

Dessas formas diversas, o uso dá uma à criança, a única que ela guarda até à idade de razão. Para ter duas, fôra preciso que ela soubesse comparar idéias: e como as compararia quando mal está em condições de as conceber? Cada coisa pode ter, para ela, mil sinais diferentes; mas cada idéia só pode ter uma forma; ela não pode portanto aprender senão uma língua. Aprende entretanto varias, dizem-me: nego-o. Vi alguns desses pequenos prodígios que pensavam falar cinco ou seis línguas. Ouvi-os falarem sucessivamente alemão em termos latinos, em termos franceses, em termos italianos; serviam-se em verdade de cinco ou seis dicionários mas só falavam sempre alemão. Em resumo, dai às crianças quantos sinónimos quiserdes: mudareis as palavras, não a língua; saberão sempre unicamente uma.

É para esconder, nisso, sua inaptidão, que as exercitam de preferência nas línguas mortas que não têm mais juizes que não se possam recusar. O emprêgo familiar dessas línguas estando perdido de há muito, contentamo-nos com imitar o que encontramos escrito nos livros; e chama-se a isso falá-las! Se dessa ordem é o grego ou o latim dos mestres, julgue-se qual será o das crianças. Mal lhes ensinamos de cor um rudimento a que não compreendem nada e já lhes ensinamos a verterem um discurso francês em latim; depois, quando mais adiantados, a tecerem, em prosa, frases de Cícero e, em verso, centões de Virgílio. Pensam então falar latim: quem as poderá contradizer?

Qualquer que seja o estudo, sem a idéia das coisas representadas, os sinais representantes nada são. Circunscrevemos portanto à criança êsses sinais, sem nunca fazer com que aprenda as coisas que representam. Pensando ensinar-lhe a descrição da terra, não lhe ensinamos senão a conhecer mapas;

ensinamos-lhe nomes de cidades, de países, de rios, que ela não concebe existirem senão no papel onde lhe mostram. Lembrom-me de ter visto alguns uma geografia que começava assim: *Que é o mundo? Um globo de papelão.* Eis precisamente a geografia das crianças. Ponho como fato real que depois de dois anos de geografia e de cosmografia não há uma só criança de dez anos que, de acôrdo com as regras recebidas, saiba ir de Paris a Saint-Denis. Ponho como fato real que nenhuuma, de acôrdo com uma planta do jardim de seu pai, possa seguir-lhe as veredas sem se perder. São êsses os doutôres que sabem perfeitamente onde se encontram Pequim, Ispaa, o México e todos os países da terra.

Ouçõ dizer que convém ocupar as crianças em estudos em que só precise de olhos: poderia ser, se houvesse algum estudo em que só de olhos se precisasse; mas não conheço nenhum.

Em virtude de um erro ainda mais ridículo, fazem com que estudem história: imaginam que a história está a seu alcance porque é, apenas, uma coletânea de fatos. Mas que se entende por essa palavra fatos? Imagina-se que a relação que determina os fatos históricos seja tão fácil de aprender, que as idéias dêles se formem sem dificuldade no espírito das crianças? Acredita-se que o verdadeiro conhecimento dos acontecimentos seja separável do de sua causa, de seus efeitos, e que o histórico se prenda tão pouco ao moral que se possa conhecer um sem o outro? Se não vêdes nas ações dos homens senão movimentos exteriores e puramente físicos, que é que aprendeis na história? Absolutamente nada; e tal estudo desprovido de interesse não vos dá mais prazer que instrução. Se quereis apreciar tais ações segundo suas relações morais, tentai fazer com que vossos alunos entendam essas relações e vereis então se a história é da idade dêles.

Leitores, lembrai-vos sempre de que quem vos fala não é um sábio nem um filósofo e sim um homem simples, amigo da verdade, sem partido, sem sistema; um solitário que, vivendo pouco com os homens, tem menos oportunidades de se imbuir de seus preconceitos e mais tempo para refletir sobre o que o impressiona quando com êles vive. Meus raciocínios são menos baseados em princípios do que em fatos: e creio não poder colocar-vos ao alcance de julgá-los e senão vos relatando algum exemplo das observações que me sugerem.

Eu tinha ido passar alguns dias no campo, na casa de uma boa mãe de família que muito cuidava de seus filhos e de sua